

CENTAUR

HENRY JAMES

O Mentiroso

Henry James

O MENTIROSO

Título original: *The Liar* (1888)
Tradução: Januário Leite (1865-1930)
Revisão: Ângelo dos Santos Pereira
2013 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

ÍNDICE

I
II
III

I

O comboio chegara com meia hora de atraso e o automóvel levara mais tempo do que ele calculara; por isso, quando chegou lá a casa, já toda a gente se tinha ido preparar para o jantar. Conduziram-no, portanto, imediatamente ao quarto que lhe fora destinado. As cortinas estavam corridas, as velas acesas, o lume refulgia, esperto, e, depois de o criado o haver rapidamente ajudado a despir-se, o confortável quartinho poderia considerar-se um dos instrumentos menores de uma grande orquestra — parecia prometer uma casa aprazível, assistência variada, conversa, relações, afinidades, não falando da esplêndida mesa. A profissão ocupava-o demasiado para lhe permitir fazer visitas à aldeia, mas ouvira pessoas que para tal dispunham de mais tempo falar de casas onde «nos tratam muito bem». Previa que os donos da *Stayes* o haviam de tratar muito bem.

No seu quarto, a primeira coisa para que, em tais ocasiões, olhava eram os livros na prateleira e os quadros nas paredes; por estas coisas aferiria, em certo modo, do grau de sociabilidade e convívio dos seus hospedeiros. Embora pouco tempo lhes pudesse agora dedicar, um rápido exame assegurou-lhe que se a literatura era, como de costume, principalmente americana e humorística, a arte não constava nem de estudos a aguarela dos filhos, nem de gravuras lamechas. Adornavam as paredes litografias antigas, na maior parte retratos de «fidalgos» da aldeia, de colarinhos altos e luvas de montar: isto sugeriu-lhe — e era animador — o apreço de que fruía a tradição retratista. Lá estava, à cabeceira da cama, o costumado romance do Sr. Le Fanu, leitura ideal numa casa de

campo para as horas após a meia-noite. Oliver Lyon não pôde esquivar-se a começar a lê-lo enquanto ia abotoando a camisa.

Foi talvez por isso que, ao descer, não só encontrou toda a gente já reunida no *hall,* mas viu, pela maneira como todos imediatamente se encaminhavam para a sala de jantar, que estavam à sua espera. Não perderam tempo com apresentações, pelo que saiu despercebido e num grupo de homens sós. Os homens, deixando-se ficar para trás, formavam, como de costume, fila à porta da sala de jantar, comédia esta que teve por desfecho ser ele o último a chegar ao seu lugar. Isto fê-lo supor-se entre pessoas suficientemente distintas, pois se se tivesse sentido humilhado — o que não sucedia — não teria podido consolar-se com a reflexão de que tal percalço é natural a um artista obscuro e jovem, que luta pelo seu futuro. Já não podia considerar-se notavelmente jovem — ai dele! — e se a sua posição não era tão brilhante como devia ser, não podia já classificá-la de luta. Era apreciavelmente «conhecido» e encontrava-se agora numa sociedade dos conhecidos, se não dos conhecedores. Esta ideia intensificou a curiosidade com que, ao instalar-se na sua cadeira, percorreu com os olhos, de lés a lés, a comprida mesa.

Eram numerosos os convivas — vinte e cinco pessoas; esquisita ocasião para o mandarem vir, pensava ele. Não o rodearia o sossego, tão necessário para bem se trabalhar; todavia, nunca no seu trabalho o perturbava o sentir envolvê-lo como um anel o cenário humano. E, embora o não soubesse, na *Stayes* nunca havia sossego. Quando estava a trabalhar bem, encontrava-se naquele ditoso estado — o mais ditoso de todos para um artista — em que as coisas em geral vêm entrelaçar-se na sua própria teia, tornando-

a mais grossa, mais forte, mais rica de colorido. Além disso, havia uma certa excitação (já anteriormente o sentira) na rápida mutação de cena — o salto, no lusco-fusco vespertino, da nevoenta Londres e do seu *atelier* familiar para um centro de diversões no meio de Hertfordshire e um drama semirrepresentado, um drama de lindas mulheres e homens imponentes e maravilhosas orquídeas em jarras de prata. Observou como facto não desprovido de importância que uma das lindas mulheres estava a seu lado: do outro sentava-se um cavalheiro. Pouca atenção, porém, ligara ainda aos seus vizinhos: estava ocupado a procurar *Sir* David, que nunca vira e que lhe suscitava natural curiosidade.

Era, porém, evidente que *Sir* David não assistia ao jantar, circunstância suficientemente explicada pela outra circunstância que constituía o principal conhecimento que dele tinha o nosso amigo — os seus noventa anos de idade. Oliver Lyon antegozara a ideia de pintar um nonagenário de vulto, de modo que, embora a ausência do velho fosse para ele como que uma deceção — perdia o ensejo de o observar antes de iniciar o seu trabalho — pareceu-lhe sinal de que ele era antes uma relíquia sagrada e talvez, por isso mesmo, impressiva. Lyon fitou seu filho com o maior interesse, a si mesmo perguntando se aquele vidrado brilho das faces lhe provinha de *Sir* David. Teria a sua graça pintá-lo no ancião — o rosado já murcho de uma maçã de inverno, mormente se nos olhos ainda lhe refulgisse vida e no cabelo branco ainda lhe espreitassem laivos de geada. No cabelo de Artur Ashmore vibrava um fulgor estival, mas Lyon folgava por haver sido chamado para o velho e não para o jovem, embora nunca tivesse visto um e tivesse o outro ali na sua frente, no mais alto relevo da hospitalidade impessoal.

Artur Ashmore era um *gentleman* de grosso cachaço e fresca coloração, mas não era um assunto; tanto podia ter sido lavrador como banqueiro, difícil seria pintá-lo a caráter. Sua esposa não ia mais longe: era uma mulher corpulenta, resplandecente, negativa que, tal qual o marido, tinha o aspeto das coisas tremendamente novas, a aparência do verniz fresco, aparência que Lyon mal sabia dizer se lhe provinha do rosto, se do trajar, a tal ponto que ao olhar para ela tinha-se a impressão de estar a olhar para um retrato encaixilhado numa moldura dourada e era-se tentado a procurar-lhe o número num catálogo ou numa tabela de preços. Era como se já fosse um mau retrato, embora caro, pintado por mão eminente, e Lyon nenhum desejo tinha de copiar esse trabalho. A linda mulher à direita do artista estava entretida com o vizinho, enquanto o cavalheiro da esquerda parecia abstrato e desesperado; por isso podia à vontade entregar-se à sua diversão predileta de observar rosto após rosto. Não havia para ele maior prazer, e muitas vezes considerava uma mercê que tanto o interessasse a máscara humana e que esta sentisse a necessidade, muitas vezes até contrariadamente, de se revelar, já que de a reproduzir fizera o seu modo de vida. Ainda mesmo que Artur Ashmore não fosse inspirador para pintar (apoquentava-o o receio de, caso se saísse bem com o sogro, a dama se lembrar de lhe confiar o retrato do marido); ainda mesmo que se parecesse menos com uma página — bela quanto à margem e à impressão — sem pontuação seria ainda assim uma superfície refrescante e iridescente. Mas o quinto cavalheiro — que era ele? Seria um assunto ou era o seu rosto apenas a placa legível da sua identidade, placa diariamente polida a água e navalha — a menor coisa pela qual era lícito conhecê-lo?

A cara deteve Oliver Lyon, impressionando-o a princípio como muito bonita. Poderia ainda considerar-se jovem e era regular de feições: tinha bigode farto e louro, frisado nas pontas, um ar donairoso, flamante, quase aventuroso, juntamente com um grande alfinete a refulgir no peitilho da camisa. Parecia uma bela alma satisfeita, e Lyon percebeu que onde quer que ele pousasse os olhos afáveis incidiria um influxo tão agradável como o sol de setembro — como se bastara o olhar para fazer amadurecer as uvas e as peras ou até a afeição humana. O que nele havia de estranho era um certo misto de correto e extravagante, como se fora um aventureiro a imitar, com rara perfeição, um *gentleman,* ou um *gentleman* que se tivesse dado ao capricho de andar com armas escondidas. Podia ter sido um príncipe destronado ou o correspondente de guerra de um jornal: representava simultaneamente a audácia e a tradição, as boas maneiras e o mau gosto.

Lyon travou, por fim, conversa com a dama a seu lado — dispensaram, como já noutros jantares ele tinha tido de dispensar, apresentação — perguntando-lhe quem seria aquele cavalheiro.

— Oh, o coronel Capadose, não conhece?

Lyon não conhecia e pediu informes complementares. A sua vizinha tinha modos sociáveis e estava evidentemente habituada às transições rápidas; cortou logo a conversa com o outro interlocutor e voltou-se para Lyon com a presteza de um bom cozinheiro que ergue o testo do tacho seguinte.

— Esteve muito tempo na Índia. Não é um tanto célebre? — disse.

Lyon confessou nunca ter ouvido falar dele, e ela prosseguiu:

— Bem, talvez não seja; mas ele diz que o é, e se a gente o pensa vem a dar na mesma, não é verdade?

— Se a *gente* o pensa?

— Quero dizer se ele o pensa. É a mesma coisa, suponho.

— Quer então dizer se ele pensa ter feito coisas que não fez?

— Oh, não, valha-me Deus; porque eu nunca na realidade sei a diferença entre o que as pessoas dizem! É um homem altamente inteligente e engraçado, a pessoa mais inteligente da casa, a não ser que o senhor o seja mais. Mas isso é que eu ainda não posso dizer, não é verdade? Só sei das pessoas que conheço; penso que é celebridade bastante!

— Bastante para elas?

— Oh, vejo que é inteligente. Bastante para mim! Mas tenho ouvido falar de si — continuou a dama. — Conheço os seus quadros, admiro-os. Mas não acho que o senhor se pareça com eles.

— São na maioria retratos — disse Lyon — e o que eu usualmente me esforço por conseguir não é a semelhança comigo.

— Vejo o que quer dizer. Mas têm muito mais cor. Não acha que os quadros de Van Dyck dizem muito a respeito dele? Agora vai pintar alguém aqui?

— Convidaram-me a pintar *Sir* David. Fiquei um bocado aborrecido por o não ver aqui esta noite.

— Oh, deita-se a uma hora tão absurda: às oito horas depois do *porridge* e do leite. Sabe, é antes uma velha múmia.

— Uma velha múmia? — repetiu Oliver Lyon.

— Quero dizer que usa meia dúzia de coletes e passa o tempo sentado ao pé do lume. Está sempre com frio.

— Eu nunca o vi e também nunca vi retrato nenhum dele — disse Lyon. — Surpreende-me que nunca tenha tirado o retrato, que tenham esperado todos estes anos.

— Ah, é porque ele tinha medo, sabe; era a sua superstição predileta. Tinha a certeza de que, se lhe pintassem o retrato, morreria imediatamente. Só agora é que consentiu.

— Está então disposto a morrer?

— Oh, agora está tão velho que já se não importa.

— Bem, espero não o matar — disse Lyon. — Era ser filho desnaturado mandar-me chamar.

— Oh, eles não têm nada a lucrar, tudo é deles já! — acrescentou a sua companheira, como se lhe tomasse as palavras inteiramente à letra. A sua tagarelice era sistemática: fraternizava tão seriamente como poderia ter jogado *whist*. — Fazem como lhes apraz. Enchem a casa de gente... têm carta branca.

— Bem vejo... mas há ainda o «título».

— Sim, mas que é a ridicularia do título?

O nosso artista desatou a rir e a sua companheira encarou-o, pasmada.

Ainda ele não tinha recobrado o sério e já ela estava a criticar a assistência com o seu outro vizinho. O cavalheiro à esquerda do pintor arriscou, por fim, uma observação, como quem move uma pedra no xadrez, excitando, porém, em Lyon uma relativa disposição para brincar. Esta personagem representava o seu papel com dificuldade; lançava uma observação como uma senhora dispara uma pistola, olhando para o outro lado. Para apanhar o que ele dizia, Lyon teve de inclinar a cabeça e este movimento levou-o a reparar numa linda criatura que estava sentada do mesmo lado,

diante do seu interlocutor. Viu-lhe o perfil e a princípio apenas o impressionou a sua beleza; depois causou-lhe uma impressão ainda mais agradável — uma sensação de nítida recordação e íntima associação de ideias. Não a reconhecera logo apenas por não esperar vê-la ali; havia tanto tempo que a não via, e nunca mais soubera coisa alguma a seu respeito. Acudia-lhe muitas vezes ao pensamento, mas desaparecera da sua vida. Pensava nela duas vezes por semana, o que se pode chamar pensar amiudamente, mesmo sob o ponto de vista da fidelidade, quando isso se prolongou por uma dúzia de anos. Um momento depois de a haver reconhecido sentiu quão verdade era que de nenhuma outra mulher podia ser aquela cabeça, a cabeça mais encantadora do mundo e de que nunca podia haver réplica. Achava-se um pouco inclinada para a frente; conservava-se de perfil, levemente voltada para algum vizinho sentado mais adiante. Estava escutando, mas os olhos moviam-se-lhe e, passado um instante, Lyon seguiu-lhes a direção. Pousavam no cavalheiro que lhe fora dito ser o coronel Capadose — pousavam, notou ele, como que com uma complacência habitual. Não havia que estranhar, pois o coronel era iniludivelmente formado para atrair o olhar de simpatia das mulheres; mas magoava Lyon que ela pudesse deixá-lo tanto tempo contemplá-la sem lhe relancear sequer os olhos. Nada havia entre eles agora e ele nenhum desejo tinha, mas ela devia ter sabido da sua vinda — não era, é claro, acontecimento assim tão estupendo, mas ela não podia estar naquela casa sem aos seus ouvidos chegar do caso algum eco — e não era natural que isso a não interessasse absolutamente.

Ela olhava para o coronel Capadose como se dele estivesse enamorada — o que era de estranhar na mais altiva e reservada

das mulheres. Mas, sem dúvida, se o marido estava de acordo, nada havia que objetar: ouvira vagamente dizer, anos atrás, que ela casara, e tinha como certo — pois nada a tal respeito ouvira — achar-se presente o ditoso homem a quem ela conferira o que recusara a um pobre estudante de arte em Munique. O coronel Capadose parecia não dar por nada, e este facto (estranha incongruência) mais aborreceu do que contentou Lyon.

Subitamente a dama moveu a cabeça, mostrando o rosto de frente para o nosso herói. Este estava tão preparado com um cumprimento que imediatamente sorriu, como uma caneca cheia que uma sacudidela logo faz trasbordar; ela, porém, não correspondeu, voltou-se de novo e recostou-se na cadeira. Tudo o que nesse instante o seu rosto disse foi: «Vês que estou, como sempre, linda». Ao que ele mentalmente replicou: «Sim, e dá-me sempre o mesmo prazer ver-te!» Perguntou ao jovem a seu lado se sabia quem era aquela beldade; o jovem inclinou-se para diante, observou e depois respondeu:

— Creio que é a esposa do Coronel Capadose.

— A esposa... daquele sujeito?

E Lyon indicou o objeto da informação dada antes pela sua vizinha.

— Oh, aquele é que é o Sr. Capadose? — perguntou o jovem, para quem parecia pouco significar. Confessou a sua ignorância dessas sumidades, que explicou com o facto de haver muita gente e de ele só haver chegado na véspera. O que para o nosso amigo era certo era que a mulher do Sr. Capadose amava o marido, de tal modo que ele tinha mais do que nunca pena de não ter casado com ela.

— É muito terna e sincera — achou-se a dizer passados três minutos, com um leve toque de ironia, à senhora à sua direita. Acrescentou que se referia à esposa do Sr. Capadose.

— Ah, conhece-a então?

— Conheci-a em tempos, quando eu vivia no estrangeiro.

— Então por que é que me esteve a fazer perguntas acerca do marido?

— Precisamente por essa razão — esclareceu Lyon —; casou depois disso. Eu nem sequer sabia o seu nome atual.

— Como o sabe agora, então?

— Acaba este senhor de mo dizer. Parece saber.

— Não sabia que ele soubesse alguma coisa — chasqueou a dama.

— Parece-me que é a única coisa que sabe.

— Então o senhor descobriu por si que ela é... como foi que disse? Terna e sincera? Que quer dizer com isso?

— Ah, não me faça perguntas, eu é que lhas quero fazer — disse Lyon. — Que tal a acham cá?

— Isso é perguntar de mais! Só posso falar por mim. Acho-a dura.

— Isso é somente por ela ser honesta e reta.

— Quer dizer que eu gosto das pessoas na proporção em que elas iludem?

— Parece-me que é o que se dá com todos nós, enquanto lhes não apuramos o mérito — replicou Lyon. — E depois, há alguma coisa no rosto dela, como que uma nobreza do tipo romano, apesar dos olhos ingleses que tem. Efetivamente é inglesa da cabeça aos

pés; mas a tez, a testa baixa e aquele lindo ondeado do cabelo negro fazem-na parecer uma trastaverina transfigurada.

— Sim, e espeta sempre pregos e punhais na cabeça para produzir esse efeito. Devo dizer que gosto mais do marido: *dá* tanto.

— Bem, quando a conheci não havia confronto que pudesse prejudicá-la — suspirou ardorosamente Lyon. — Era absolutamente a criatura mais bela de Munique.

— De Munique?

— A família vivia lá; não eram ricos. Por economia, de facto, e a vida em Munique era muito barata. Seu pai era o filho mais novo de uma casa nobre qualquer; casara segunda vez e tinha uma porção de bocas a sustentar. Ela era filha da primeira mulher e não gostava da madrasta, mas era extremosa para os irmãos e irmãs. Um dia fiz um esboço dela, pintando-a de Carlota do *Werther* a cortar pão com manteiga com as crianças apinhadas à sua volta. Todos os artistas dali lhe tinham amor, mas ela não ligava importância aos da nossa igualha. Era orgulhosa em demasia. Orgulhosa, sim, mas nada empertigada, nem presumida, apenas perfeitamente simples e franca. Lembrava-me a Ethel Newcome de Thackeray. Disse-me que tinha de casar bem: era a única coisa que podia fazer pela família. Suponho que V. Ex.ª me vai dizer que, efetivamente, casou bem.

— Ela *disse-lho*? — inquiriu, sorrindo, a vizinha de Lyon.

— Oh, é claro que também fui candidato à mão dela. Mas evidentemente está disso convencida! Quero dizer que se não enganou.

Quando as senhoras se retiraram, o dono da casa convidou os cavalheiros a juntarem-se, de sorte que Lyon veio a ficar mesmo em

frente do coronel Capadose. A conversa versou quase exclusivamente sobre a caçada. A maior parte dos homens tinha um comentário ou uma anedota, alguns tinham muitas, mas a agradável voz do coronel dominava o auditório. Era um órgão vibrante e fresco, mas masculino, precisamente a voz que, no entender de Lyon, competia a um «belo homem» como aquele. Inferia-se das suas alusões que era um «bom calção», o que também confirmava as conjeturas de Lyon.

Não que ele fanfarronasse, pois nas proezas que de si contava punha sempre naturalidade e calma; mas avultavam os lances em que correra perigo ou em que vira a morte de perto.

Passado pouco tempo, notou Lyon que a atenção dispensada pelo auditório às narrativas do coronel não era proporcionada ao interesse de que pareciam revestidas; resultou daí começar Capadose, que percebeu que, pelo menos, ele o escutava, a tratá-lo como seu ouvinte especial e a fixar nele os olhos enquanto falava. Lyon não teve remédio senão mostrar-se interessado e complacente — e esta homenagem servia de base às ideações do narrador. Sucedera um desastre a um cavaleiro seu vizinho: dera uma queda em sítio escabroso — mesmo no final — com consequências que se afiguravam graves. Batera com a cabeça e perdera os sentidos, não tendo voltado a si até às últimas notícias: havia evidentemente comoção cerebral. Houve troca de opiniões sobre o tempo que levaria a recuperar os sentidos ou até se chegaria a recuperá-los, o que levou o coronel a confidenciar ao nosso artista, por cima da mesa, que não perderia as esperanças, nem mesmo que o homem permanecesse inerte semanas — semanas, semanas e semanas — meses, quase anos. Inclinou-se para a frente (Lyon inclinou-se

também para melhor ouvir) e referiu que sabia por experiência pessoal quão pouco limite realmente havia para o tempo durante o qual um homem podia jazer como uma pedra sem mal algum daí lhe advir. Sucedeu-lhe na Irlanda anos antes; fora cuspido de um carro, dera uma cambalhota e caíra de cabeça. Julgavam-no morto, mas não estava; levaram-no para o primeiro barraco que toparam, onde ficou dias com os porcos, transferiram-no depois para uma estalagem numa cidade próxima — por um triz que o não enterraram. Estivera completamente insensível — sem o mais pequeno vislumbre de conhecimento fosse do que fosse — por três estirados meses; não tivera o mais leve assomo de consciência. A tal ponto que ninguém vinha ao pé dele, não lhe davam de comer nem de beber e quase nem sequer para ele olhavam. Eis senão quando um belo dia abriu os olhos... lépido e lesto como uma pulga!

— Dou-lhe a minha palavra de honra que me fez bem. Repousou-me o cérebro.

Sublinhou, sem demasia de ênfase, que para uma inteligência ativa como a sua estes períodos de descanso eram providenciais. Lyon, impressionado por esta história, ainda quis perguntar se não haveria um bocadinho de exagero, não na narrativa, mas na calma que mostrou. Hesitou, porém, a tempo em exprimir a sua dúvida, tamanha foi a impressão que lhe fez o tom em que o coronel Capadose se referiu ao facto de pela grossura de um cabelo não ter sido sepultado vivo. Foi o que aconteceu a um amigo seu na Índia — um indivíduo que se supunha haver morrido de febre e que encafuaram num caixão. Ia a pormenorizar o sucedido quando o Sr. Ashmore disse qualquer coisa e todos se levantaram e encaminharam para a sala de visitas. Lyon reparou que nesta altura

já ninguém dava ouvidos aos prodígios do seu novo amigo. Os dois deram volta à mesa e juntaram-se, enquanto os outros convivas voltavam costas.

— O seu amigo foi enterrado vivo? — perguntou Lyon, com certa ansiedade.

O coronel fitou-o como se já tivesse perdido o fio à conversa. Depois o rosto refulgiu-lhe, o que o tornava duplamente belo.

— Pela minha alma lhe juro que o atiraram para debaixo da terra!

— E ficou lá?

— Ficou lá até eu o ir desenterrar.

— O senhor?

— Sonhei com ele. É o caso mais extraordinário: ouvi-o chamar por mim de noite. Resolvi ir desenterrá-lo. Sabe que há uma gente na Índia (uma raça quase bestial, os *Ghouls*) que viola as sepulturas. Tive como que o pressentimento de que iriam à dele primeiro. Montei a cavalo, larguei a toda a brida, posso afiançar-lhe; e, por Jove, dois deles já tinham escavado a terra. Zás, zás, dos dois canos da carabina, e aí vão eles, pernas para que vos quero, como pode crer. Acredita que eu sozinho o desenterrei? O ar reanimou-o e pôs-se num pronto bom! Lá tem a sua pensão, regressou à pátria o outro dia e tenho a certeza de que fará tudo por mim — acrescentou o narrador.

— Chamou-o de noite? — perguntou Lyon, arrepiado.

— Isso é que é o ponto interessante. Agora *que foi?* Não foi o espectro, porque o homem não tinha morrido. Não foi ele, porque não podia. Foi alguma maldita onda cerebral ou outra! Vê, a Índia é

uma terra estranha; há um elemento do misterioso. O ar está cheio de coisas que ninguém sabe explicar.

Saíram da sala de jantar e este mestre da anedota, que ia entre os da frente, foi separado da sua última vítima; passado, porém, um minuto, ainda eles não haviam chegado à sala de visitas e já ele tinha voltado.

— O Ashmore disse-me quem o senhor é. Já ouvi, é claro, falar de si. Folgo muito em conhecê-lo. Minha mulher já o conhecia.

— Estimo muito saber que se lembra de mim. Reconheci-a ao jantar e receava que já se não recordasse.

— Ah, creio que teve vergonha — explicou o coronel, com um à-vontade genial.

— Vergonha de mim? — retorquiu Lyon no mesmo tom.

— Não houve alguma coisa a respeito de um quadro? Sim, o senhor pintou-lhe o retrato.

— Muitas vezes; e talvez ela se envergonhe dos retratos que dela pintei.

— Eu é que não, meu caro senhor; foi até esse retrato com que o senhor teve a gentileza de a brindar que fez com que eu me enamorasse dela.

O nosso amigo reviveu por alguns segundos uma ventura perdida.

— Refere-se a um retrato em que ela está com as crianças a cortar pão com manteiga?

— Pão com manteiga? Valha-me Deus, são folhas de parra e uma pele de leopardo. Uma autêntica Bacante.

— Ah, sim, lembro-me. Foi o meu primeiro retrato decente. Teria curiosidade de o tornar a ver.

— Não lhe peça que lho mostre, ela acharia isso desastrado — prosseguiu o coronel.

— Desastrado? — perguntou, espantado, o artista.

— Desfizemo-nos dele... e do modo mais desinteressado — explicou o outro com uma risada. — Um velho amigo de minha mulher (sua família conhecera-o intimamente quando residiam na Alemanha) mostrou por esse quadro o mais extraordinário interesse: o Grão-duque de Silberstadt-Shreckenstein, não conhece? Veio para Bombaim enquanto nós lá estávamos e viu o seu trabalho (sabe que ele é um dos maiores colecionadores da Europa?) e tais olhos lhe deitava que, palavra de honra (por acaso ele fazia anos nesse dia), minha mulher, para se ver livre dele, disse-lhe que lho oferecia. Ficou encantado, mas nós ficámos com pena de nos termos privado do quadro.

— É muita bondade da sua parte — disse Lyon. — Se está numa grande coleção (um trabalho da minha incompetente mocidade) é para mim infinita honra.

— Oh, ele tem-no num dos seus castelos, não sei qual; tem tantos, sabe. Mandou-nos, antes de partir da Índia, para retribuir a amabilidade, um magnífico vaso antigo.

— Mais do que valia o quadro — comentou com modéstia Lyon.

O coronel não atendeu a esta observação; o seu pensamento parecia alhear-se. Após um momento, porém, tornou:

— Se quiser vir visitar-nos, ela mostrar-lhe-á o vaso.

E ao penetrarem na sala de visitas o coronel deu ao pintor um empurrãozinho amigável.

— Vá-lhe falar; aí está ela. há de ficar contentíssima.

Oliver Lyon apenas deu alguns passos e quedou-se um momento à entrada do vasto salão a olhar para o deslumbrante conjunto do grupo de lindas mulheres, iluminadas pelo fulgor das lâmpadas, pessoas sós, a majestosa guarnição a branco e ouro, os panejamentos de velho damasco, no centro de cada um dos quais se ostentava um quadro célebre. Havia um lustre de luzes veladas e caudas refulgentes de vestidos como que atropelando-se no tapete. No extremo mais distante do salão achava-se sentada a esposa do coronel Capadose, um tanto isolada; estava num pequeno sofá com um lugar devoluto a seu lado. Lyon não podia lisonjear-se com a ideia de que ela o reservava para si; o facto de ela não ter correspondido ao seu tímido sinal à mesa contradizia tal veleidade, mas o desejo que tinha de a abordar era veemente de mais. Além disso, tinha a sanção do marido; atravessou, pois, a sala, tendo o cuidado de não pisar as caudas dos vestidos, e parou diante dela.

— Espero que me não irá repelir — murmurou como numa súplica.

Ela fitou-o com manifesto júbilo.

— Estimo tanto vê-lo. Fiquei radiante quando soube que vinha cá.

— Bem me esforcei por lhe apanhar um sorriso ao jantar, mas não o consegui — retorquiu Lyon.

— Não reparei... não percebi. Demais a mais, detesto sorrizinhos e telegrafias. Sou também muito acanhada... decerto não se esqueceu disso. Agora podemos conversar à vontade.

E ajeitou-lhe lugar no sofá. Lyon sentou-se e iniciaram um colóquio que fez nele vibrar velhas cordas; voltou-lhe à lembrança a sensação do motivo que o levara a amá-la e não pouco do real

efeito dessa causa. Ela era ainda a menos estragada beleza que o artista jamais vira, com uma ausência de frivolidade ou de qualquer insinuante artifício a suprir uma faculdade omissa: sugeria-lhe às vezes uma linda criatura de um asilo — uma surpreendente surda muda ou uma laboriosa ceguinha. A sua nobre cabeça pagã conferia-lhe privilégios que ela desprezava e, quando lhe admiravam a bela fronte, parecia que estava de si para si a perguntar se haveria um bom lume no seu quarto ou, as mais das vezes, nos deles. Era simples, afável e boa; retraída, mas não desumana, não estúpida. De quando em quando, emitia algum comentário, algum pequeno fruto de descriminação, que podia ter saído de uma inteligência, que podia ter sido uma impressão original. Não tinha imaginação, era apenas dotada dos sentimentos mais simples, muitos dos quais haviam atingido pleno desenvolvimento. Lyon falou dos velhos tempos de Munique, evocou-lhe peripécias, prazeres e dores, perguntou-lhe pelo pai e pelos outros; e ela, em troca, disse-lhe quanto a impressionara a sua fama, a sua brilhante posição no mundo, a tal ponto que não tinha a certeza de que ele fizesse caso dela ou de que o seu mudo apelo à mesa a tivesse a ela por alvo. Era a perfeita expressão da verdade — era incapaz do contrário — e Lyon sentia-se comovido por tal humildade da parte de uma mulher cuja grande linha era sem par. Morrera-lhe o pai, um dos seus irmãos fora para a marinha e o outro estava num rancho na América; duas das irmãs tinham casado e a mais nova, precisamente agora a entrar na sociedade, era muito linda. Não citou a madrasta. Fez-lhe depois perguntas a seu respeito, a que ele respondeu, fornecendo-lhe pormenores da sua vida, dando principal relevo ao facto de se conservar solteiro.

— Oh, devia casar — objetou ela. — É a coisa melhor que há.

— Gosto disso... dito por si!

— Por que não havia de o dizer? Sou felicíssima.

— É precisamente por isso que eu o não posso ser — redarguiu ele. — É crueldade da sua parte elogiar o seu estado de casada. Mas tive o gosto de travar relações com seu marido. Conversámos um bocado na outra sala.

— É preciso que o conheça melhor, é preciso que o conheça realmente bem.

— Com certeza quanto mais se avança mais se encontra. Mas é boa figura também.

— Não o acha um lindo homem? — perguntou ela, pousando nele os bons olhos cinzentos.

— Lindo, inteligente, amável homem de sociedade. Vê que sou generoso.

— Sim, precisa de o conhecer bem — insistiu a dama.

— Conhece bem a vida; tem visto muito — observou o seu companheiro.

— Ah, temo-nos visto em muitas situações. Deve ver a minha filhinha. Tem nove anos; é lindíssima.

Lyon agarrou logo o ensejo.

— há de levá-la ao meu *atelier* um dia; gostaria de a pintar...

— Oh, não me fale disso — atalhou logo a esposa do coronel Capadose. — Lembra-me alguma coisa muito desagradável.

— Não se quer, decerto, referir ao tempo em que me servia de modelo, apesar da maçada que talvez fosse para si...

— Não é o que o senhor fez... é o que nós fizemos. É uma confissão que tenho de lhe fazer... é um peso que trago na

consciência! Quero referir-me ao adorável retrato que me deu... todos o admiravam tanto! Quando nos vier visitar a Londres (e conto que seja em breve) hei de vê-lo a olhar a toda a volta. Não lhe poderei dizer que, por gostar muito dele, o tenho no meu quarto, pela simples razão de...

— De não saber mentir — acudiu Lyon.

— Não, não sei. Por isso, antes que me pregunte pelo quadro...

— Oh, já sei que o deu... a pancada já eu a apanhei...

— Ah, já lho disseram? Tinha a certeza de que o havia de vir a saber. Mas sabe o que nos rendeu? Duzentas libras.

— Podia ter rendido muito mais — comentou, sorrindo, o artista.

— Parecia muito na ocasião. Estávamos falhos de dinheiro. Já foi há muito, nos nossos primeiros tempos de casados. Dispúnhamos então de poucos meios, mas felizmente as coisas foram mudando para melhor. Ofereceu-se a oportunidade; parecia realmente uma grande quantia, e nós agarrámo-la logo. Meu marido tinha projetos que em parte foram bem-sucedidos, de modo que atualmente não vivemos mal. No entretanto, porém, lá se foi o quadro.

— Felizmente que ficou o original. Mas quer dizer que as duzentas libras era quanto valia o vaso? — perguntou Lyon.

— O vaso?

— O belo vaso índio... oferecido pelo grão-duque.

— Pelo grão-duque?

— Como se chama?... Silberstadt-Schreckenstein. Seu marido falou-me do caso.

— Oh, meu marido! — exclamou a esposa do coronel, e Lyon viu-a mudar de cor.

Não para lhe aumentar o enleio, mas para aclarar a ambiguidade, que logo compreendeu melhor fora não ter provocado, o pintor acrescentou:

— Disse-me que está agora na coleção dele.

— Do grão-duque? Ah, sabe quanto é afamada? Creio que contém tesouros.

Achava-se estupefacta, mas recobrou-se logo, e Lyon fez a reflexão mental de que, por algum motivo que havia de achar plausível quando viesse a sabê-lo, o marido e a mulher haviam urdido versões diferentes do mesmo caso. Verdade era que não podia bem conceber Everina Brant a urdir uma versão; não estava nas suas normas doutros tempos, e, na verdade, não lhe transparecia tal subterfúgio nos olhos hoje. fosse como fosse, a ambos pesava demais o caso na consciência. Lyon mudou de assunto — disse-lhe que devia levar a filha ao *atelier.* Deixou-se ficar ainda algum tempo sentado a seu lado e imaginou-a — talvez com excessiva liberdade — menos senhora de si, como que enfadada por terem estado, ainda que momentaneamente, a esgrimir com palavras. Isto, porém, não o inibiu de lhe dizer, por fim, já quando as senhoras começavam a juntar-se para recolherem aos seus quartos:

— Parece, pelo que me disse, terem-na impressionado muito a minha fama e a minha prosperidade, e a sua grande bondade vai até ao ponto de as exagerar. Teria casado comigo, se soubesse que me esperava o triunfo?

— Eu já o sabia.

— Não o sabia eu!

— Era excessivamente modesto.

— Não pensava assim, quando lhe propus casamento.

— Se tivesse casado consigo, não podia ter casado com ele… e ele é tão simpático...

Lyon sabia ser esse o seu credo — percebera-o ao jantar — mas aborrecera-o um pouco ouvi-la proclamá-lo. O cavalheiro designado pelo pronome aproximou-se, por entre os efusivos apertos de mão das despedidas, e sua esposa observou-lhe ao retirar-se:

— Quer pintar a Amy.

— Ah, é uma criança encantadora, uma pequena interessantíssima — disse o coronel a Lyon. — Faz as coisas mais espantosas.

Sua esposa parou no farfalhante cortejo que seguiu a dona da casa.

— Não lhe digas, por favor, não lhe digas — pediu.

— Não lhe digo o quê?

— Ora, o que ela faz. Ele que veja por si mesmo.

E foi andando.

— Ela acha que são gabarolices minhas o que digo da pequena, que maço os outros... — explicou o coronel. — Fuma, não?

Apareceu, passados dez minutos, na sala de fumo, garbosamente vestido de seda encarnada com pintas brancas. Deliciava os olhos de Lyon, fazia-o sentir que a idade moderna tem, também, o seu esplendor e as suas oportunidades para o trajo. Se a esposa era um modelo do *antigo,* ele era um belo espécime do

período da cor: poderia ter passado por um veneziano do século dezasseis. Constituíam um par admirável, pensou Lyon, e, ao ver o coronel, ereto no seu brilhante aprumo, junto ao fogão, a soprar para o ar baforadas de fumo, não se admirava de Everina não poder arrepender-se de não ter casado com ele. Nem todos os homens eram fumadores e alguns já se tinham ido deitar. O coronel Capadose notou que pouca animação devia haver essa noite, tamanha fora a azáfama do dia. Era o pior que havia numa casa, após uma caçada — os homens ficavam tão sonolentos depois do jantar; era a grande vantagem das senhoras, mesmo das que também caçavam, as mulheres sendo tão rijas que nunca o mostravam. A maioria, porém, dos homens espertava sob as influências estimulantes da sala de fumo, e alguns, nesta confiança, voltariam ainda. Algumas das razões da sua confiança — não todas — teriam podido encontrar-se nos copos e nas garrafas que se apinhavam numa mesa à beira do lume, que fazia cintilar a grande bandeja e o seu conteúdo. As outras ocultavam-se em vários recessos dos espíritos dos mais loquazes. Lyon ficou só com o coronel Capadose alguns momentos antes de, nos trajos mais excêntricos, aparecerem os seus companheiros, e sentiu quão pequena perda de tecido vital tinha este admirável homem de reparar.

Conversaram a respeito da casa, por haver Lyon notado uma tal ou qual singularidade de construção na sala de fumo; e o coronel explicou que constava de duas partes distintas, uma antiquíssima. Eram, em suma, duas casas completas, a velha e a nova, cada uma delas grande e bela a seu modo. As duas formavam juntas uma enorme estrutura — Lyon devia percorrê-la toda. A parte moderna

fora mandada construir pelo velhote, quando comprou a propriedade; oh, sim, comprara-a quarenta anos antes — não vinha da família. Tivera o bom gosto de não estragar a casa original — não tocara senão no que era indispensável para a harmonia do conjunto. Era, deveras, curiosíssima — mole irregular e misteriosa, onde de quando em quando se descobria um quarto emparedado ou uma escada secreta. Era, para o seu espírito, porém, mortalmente depressiva; nem mesmo as modernas adições, conquanto esplêndidas, conseguiam torná-la airosa e alegre. Contava-se uma história de um esqueleto encontrado anos antes, durante umas reparações, debaixo de uma laje de pedra de um dos corredores; mas a família não queria que de tal se falasse. A sala em que se encontravam ficava, é claro, na parte velha, que continha, afinal de contas, algumas das melhores salas; supunha ter sido a cozinha primitiva, semimodernizada em algum período intermédio.

— Então o meu quarto também é na parte velha, estimo muito — disse Lyon. — É muito confortável e contém todas as comodidades modernas, mas notei a profundidade do recesso da porta e a evidente antiguidade do corredor e da escada. Aquele corredor apainelado é admirável; dá a impressão de se estender, na sua penumbra pardacenta (as lâmpadas pouco efeito me pareceram produzir), por meia milha.

— Oh, não vá até ao fim! — aconselhou, sorrindo, o coronel.

— Vai dar ao quarto dos espectros? — perguntou Lyon.

O seu companheiro fitou-o por um momento.

— Ah, já sabe disso?

— Não, não falo por saber, falo por esperança. Nunca tive a sorte de estar numa casa em que houvesse almas penadas. As

casas em que entro são quase tão seguras como o Charing Cross. Queria ver, haja o que houver, um fantasma a valer. Há-os por cá?

— É claro que há... e dos bons... dos que fazem barulho.

— E já viu?

— Oh, não me pregunte o que vi, poria à prova a sua credulidade. Não gosto de falar destas coisas. Mas há dois ou três quartos tão maus (isto é, tão bons!) como em qualquer parte os poderá encontrar.

— No meu corredor?

— Creio que o pior é lá ao fundo. Mas seria imprudência lá dormir.

— Imprudência?

— Enquanto não tiver concluído o seu trabalho. Na manhã seguinte recebe cartas de importância e toma o combóio das 10:20.

— Quer dizer que inventarei um pretexto para me raspar?

— A não ser que seja corajoso como quase ninguém tem sido. É raro darem este quarto aos hóspedes, mas às vezes a gente é tanta que não têm outro remédio. Acontece sempre a mesma coisa: mal oculta agitação ao pequeno-almoço e cartas da maior importância. É claro, é um quarto de solteiro e eu e minha mulher ficamos no outro extremo da casa. Mas vimos a comédia há três dias, no dia seguinte ao da nossa chegada. Tinham-no dado a um rapaz, não me lembro do nome, a casa estava repleta; e seguiu-se a habitual consequência: cartas ao pequeno-almoço, uma cara medonha, uma chamada urgente à cidade, imensa pena de ter de se retirar tão subitamente. O Ashmore e a mulher olharam um para o outro e o pobre diabo lá foi.

— Ah, isso não me convinha; tenho de acabar o meu trabalho — disse Lyon. — Mas eles não gostam que lhes falem disso? Há pessoas que, tendo um bom espectro, tiram disso grande orgulho, sabe.

Que iria o coronel responder à pergunta do pintor não o pôde este saber, pois nesse instante entrou na sala o dono da casa, acompanhado de três ou quatro dos seus hóspedes. Lyon compreendeu que a resposta estava, em parte, no facto de o coronel haver logo posto termo ao assunto. Por outro lado, tornara-se esta interrupção natural pela pergunta que um dos cavalheiros lhe fez sobre um ponto em litígio, qualquer coisa relativa à eterna história das peripécias do movimentado dia. O Sr. Ashmore também travou conversa com Lyon, exprimindo-lhe o seu pesar por tanto haver tardado este prazer e, naturalmente, logo veio à balha o motivo da visita do artista. Este exteriorizou o seu desgosto por não ter tido ensejo de conhecer *Sir* David antes de iniciar o seu trabalho — coisa a que, na maioria dos casos, tamanha importância ligava. Desta vez, porém, a pessoa a retratar era já tão avançada em anos que não havia positivamente tempo a perder.

— Oh, posso-lhe dar todos os esclarecimentos de que necessite — disse o Sr. Ashmore; e durante meia hora elucidou-o copiosamente. Era muito interessante, ao mesmo tempo que um pouco extravagante, e Lyon ficou com a certeza de que *Sir* David era um belo moço de idade para assim ter cativado a afeição de um filho que não era evidentemente um piegas. Por fim, levantou-se, alegando que tinha de se ir deitar para de manhã estar bem-disposto para o trabalho.

— Então — respondeu o dono da casa — tem de levar uma vela; as luzes estão apagadas; depois desta hora não quero os criados a pé.

Daí a um momento luzia a vela na mão de Lyon, que, ao sair da sala — não incomodou com despedidas os outros, absorvidos a espremer limões e a desarrolhar a água com soda — se recordou doutras ocasiões em que para ir para a cama tivera de atravessar sozinho e às escuras uma casa de campo. Se não estivera em sítios de fama notoriamente má, nem por isso tinha — devido à sua excessiva imaginação — deixado de achar os grandes *halls* e as escadas, em densas trevas, um tanto arrepiantes: o ruído dos seus passos através dos longos corredores, as réstias de luar penetrando, em noites de inverno, pelas altas janelas dos patamares, que efeito sinistro quantas vezes produziram nos seus nervos! Ocorreu-lhe que, se as casas sem pretensões sobrenaturais podiam de noite parecer tão tétricas, os velhos corredores da *Stayes* haviam certamente de o impressionar. Não sabia se os donos eram sensíveis; muitas vezes, como dissera ao coronel Capadose, havia quem se regozijasse com a pecha do macabro. O que, apesar do risco, o decidiu a falar foi a necessidade que subitamente lhe surgira de aquilatar da exatidão das afirmações do coronel. Já com a mão na porta, disse ao seu hospedeiro:

— Oxalá que me não apareçam fantasmas!

— Fantasmas?

— Deve havê-los por cá, nesta ala, tão bela, mas tão velha.

— Fazemos o que podemos, mas é difícil trazê-los cá para cima — respondeu o Sr. Ashmore. — Não me parece que eles gostem dos canos da água quente.

— Lembram-lhes o seu clima? Mas não há aqui um quarto com almas do outro mundo... ao fundo do meu corredor?

— Oh, contam-se uma histórias... fazemos por as manter de pé!

— Gostaria muito de lá dormir — acrescentou Lyon.

— Bem, pode mudar para lá amanhã, se quiser.

— Talvez seja melhor esperar — sorriu Lyon — até que o meu trabalho esteja pronto. — Assaltou-o, porém, logo a sensação levemente humilhada de se ter estado a mostrar «finório» sem motivo.

— Perfeitamente, mas não vai trabalhar lá, sabe. Meu pai «pousará» nos seus aposentos.

— Oh, não é isso... é o receio de fugir... como aquele sujeito há três dias.

— Há três dias? Que sujeito?

— O que recebeu umas cartas urgentes ao pequeno-almoço e abalou pelo combóio das 10:20. Passou cá mais de uma noite?

— Não sei a que é que se refere. — O filho da *Stayes* estava lívido, mas afirmou com decisão: — Não esteve cá tal pessoa... há três dias.

— Ah, tanto melhor — rematou Lyon, dando as boas noites e partindo.

Seguiu o seu caminho, guiado pela memória e pela chama trémula da vela, e, apesar dos encontrões que deu em muitos objetos de espavorir, atingiu sem novidade o corredor para onde abria o seu quarto. No denso negrume parecia estirar-se ainda mais, mas seguiu-o, por curiosidade, até o fim. Passou várias portas com o nome da sala pintada no alto, mas nada mais se lhe deparou.

Teve a tentação de experimentar a última porta, espreitar para dentro do quarto incriminado pelo seu amigo, mas sentiu que seria indiscrição; a garantia daquele cavalheiro era, em certo modo, um documento floreado demais. Podia haver aparições ou outras coisas sobrenaturais e podia não haver; mas o que com certeza naquela casa não havia era coisa tão esquisita e singular como o coronel Capadose.

II

Lyon achou *Sir* David um belo assunto, bem como o mais sereno e condescendente dos retratandos. Além disso, era um velho muito conversador, repositório de informações, tremendamente enrugado, mas de modo algum escurentado nas suas faculdades; e usava precisamente o roupão guarnecido a peles que o artista teria escolhido. Ufanava-se da sua idade, mas envergonhava-se dos seus achaques que, no entanto, sobremaneira exagerava, e que o não inibiam de se submeter às exigências do pincel tão afoitamente como se teria submetido ao salutar bisturi do cirurgião. Quedava-se na sua cadeira, de olhos firmes e com o calmo sorriso de «Bem, faça o pior que puder!» Demoliu a lenda de haver receado que a operação lhe fosse fatal, dando uma explicação que deixava o nosso amigo muito mais satisfeito. Opinava que um homem devia deixar-se retratar somente uma vez na vida — que era mostrar sofreguidão e fatuidade ter a sua efígie pendurada por toda a casa. Isso era bom para as mulheres, que constituíam um lindo adorno para as paredes; mas a cara masculina não se prestava à repetição decorativa. A época própria para o retrato era no final da vida, quando o artista tinha diante de si o homem em toda a sua plenitude e lhe apreendia a totalidade da sua experiência. Lyon não podia responder, como em muitos casos teria respondido, que isto não era uma síntese real — concessão necessária para o derrame; pois que não houvera fenda na cristalização de *Sir* David. Falou do seu retrato como de um mapa singelo que os filhos consultariam em caso de incerteza. Um mapa perfeito só depois de percorrido o país

se podia traçar. Cedeu a Lyon as suas manhãs, até à hora do almoço, e falavam de muitas coisas, não desdenhando, como estímulo para a bisbilhotice, os habituais convivas da *Stayes.* Agora que não «saía», como ele dizia, via muito menos da gente que lá ia a casa — procissões que iam e vinham, de que ele nada sabia e que se comprazia em ouvir Lyon descrever. O artista esboçava a traço leve e não caricaturava, e sucedia ordinariamente que, quando *Sir* David não conhecia os filhos e as filhas, tinha-lhes conhecido os pais e as mães. Era um desses velhos terríveis que conservam o livro dos antecedentes. No caso, porém, da família Capadose, a que chegaram por uma fácil derivação, o seu conhecimento abrangia duas ou mesmo três gerações. O general Capadose foi um velho amigo seu, lembrava-se perfeitamente do pai. O general era um belo soldado, mas na vida particular tinha o vezo da especulação — sempre à sorrelfa a correr para a City para empregar o dinheiro em porcarias. Casara com uma rapariga que lhe levara alguma coisa e lhe dera meia dúzia de filhos. Mal sabia o que fora feito dos outros, a não ser que um entrara para a Igreja e ascendera a altas posições — não era Deão de Rockingham? Clemente, o que estava na *Stayes,* parecia ter vocação para as armas; servira no Oriente e casara com uma linda menina. Estivera em Eton com o Artur e, nas férias, costumava vir à *Stayes.* Ultimamente, de regresso a Inglaterra, lá voltara com a esposa; isso foi antes de ele — o ancião — se ter arrumado para o canto. Era um cão simpático, mas tinha um monstruoso fraco.

— Um monstruoso fraco? — ecoou Lyon.

— É um grande intrujão... como nunca houve outro!

O pincel de Lyon estacou bruscamente enquanto o artista repetia, pois as palavras do ancião ao mesmo tempo o estarreciam e lhe jorravam luz:

— Como nunca houve outro?

— O senhor tem muita sorte por não ter tido de o apanhar.

— Parece-me — contrapôs Lyon — que já o apanhei. Compraz-se no miraculoso.

— Oh, nem sempre. Mente a respeito do tempo, do nome do chapeleiro... É absolutamente desinteressado.

— Sim, mas é ignóbil — protestou Lyon, sentindo-se pesaroso pelo passo que Everina Brant dera.

— Oh, é tomar o caso demasiado a sério; este tipo não é em si de modo algum ignóbil. Não há nele maldade nenhuma, nenhuma intenção ruim: não rouba, não trapaceia, não joga, não bebe; é muito boa pessoa, muito preso à mulher, amicíssimo dos filhos. Simplesmente, não é capaz de dar uma resposta direita.

— Então as coisas que ele me disse ontem à noite, vejo agora, saíram de mesma brocha. Bem me custaram a engolir, pegavam-se-me na garganta; contudo, nunca à mente me veio explicação tão simples.

— Sem dúvida, estava com veia — explicou *Sir* David. — É uma peculiaridade notável, como ser coxo, gago ou canhoto. Creio que vem e vai com as mudanças do vento. Diz-me o meu filho que os seus amigos se conformam com isso e já lho não levam a mal por atenção à mulher, de quem toda a gente gosta.

— Oh, a mulher, a mulher! — murmurou Lyon, absorvendo-se mais na pintura.

— Talvez já esteja habituada.

— De modo nenhum, *Sir* David. Como pode ela habituar-se?

— Ora, meu caro senhor, quando uma mulher tem amor... E não manejam elas próprias a maior parte das vezes esse instrumento? São conhecedoras da matéria. — *Sir* David cascalhou uma gargalhada com um inocente cinismo dos velhos tempos. — Têm simpatia pelos colegas!

Lyon estava assombrado; não tinha razões para negar a afeição de Everina pelo marido. Mas, passados uns instantes, objetou:

— Oh, mas então! Conheci-a há anos... antes de casar; conheci-a bem e admirava-a. Era clara e límpida como um sino.

— Gosto muito dela — respondeu *Sir* David — mas tenho-a visto secundá-lo.

Lyon fitou um momento o seu hospedeiro, mas não como um pintor fita o seu modelo, e perguntou:

— Tem a certeza?

O velho sorriu e exclamou:

— Meu caro senhor, está apaixonado por ela!

— É possível. Deus sabe que o estive já!

— Ela tem de ajudar o marido... não pode expô-lo.

— Pode calar-se — retorquiu Lyon.

— Sim, diante de si é possível que se cale.

— É o que eu estou com curiosidade de ver. — E, no seu íntimo, acrescentou: *Deus meu, o que ele deve ter feito dela!* Guardou para si esta reflexão, pois entendia que já revelara suficientemente o seu estado de espírito para com a esposa do coronel Capadose. Todavia, não deixava de imensamente o preocupar o problema de saber como uma mulher assim se haveria

em tal situação. Observava-a com um interesse mais profundo e vivo, quando com ela se encontrava na roda dos convivas: tivera as suas tribulações na vida, mas raras vezes o revolveu tamanha ansiedade como agora que se afreimava a apurar o que a lealdade da esposa e a infeção do exemplo teriam feito de uma alma perfeitamente cândida. Oh, estava absolutamente cônscio de que, fosse o que fosse que as outras mulheres estivessem propensas a fazer, ela, desde muito nova, agarrara-se à verdade como um banhista que não sabe nadar se agarra aos sítios onde a água é mais baixa. Mesmo que não tivesse sido demasiado simples para desvios, teria sido demasiado orgulhosa, e, se não tivesse tido demasiada consciência, teria tido muito pouca sofreguidão. A mentira era a última coisa que ela haveria suportado ou admitido — a coisa que, em especial, nunca teria perdoado, Sofria em silêncio enquanto seu marido galopava à rédea solta, ou era agora também perversa ao ponto de considerar uma bela coisa dar nas vistas à custa — Lyon iria quase a dizê-lo — do próprio decoro? Seria mister uma portentosa alquimia — de ação, por assim dizer, retrospetiva — para chegar a este resultado. Além destas alternativas — o ela remoer em silêncio o seu desgosto e ser tamanho o seu amor que a levasse a considerar a exorbitância do marido apenas como mais uma prenda, uma prova de vida e de talento — havia ainda a possibilidade de ela ainda lhe não haver descoberto a pecha, de lhe tomar a moeda falsa pelo valor que ele próprio lhe atribuía. Uma pequena reflexão tornava esta hipótese insustentável; era por demais evidente que a versão que ele dava das coisas devia muitíssimas vezes haver contraditado o que ela própria dessas mesmas coisas sabia. No espaço de uma ou duas horas após havê-

los encontrado, vira-a Lyon em face dessa invenção absolutamente gratuita acerca do lucro que auferiram do quadro por ele oferecido. Nem sequer então, tanto quanto lhe foi dado ver, ela se mostrou ressentida e... mas por agora nada mais lhe restava senão quedar-se de olhos fitos no mistério!

Mesmo que, devido ao seu arreigado interesse por aquela mulher, não tivesse vindo nele intercalar-se um elemento de hesitação, o problema não deixaria, ainda assim, de o prender e atormentar; por isso que, na verdade, não pintara retratos tantos anos sem tomar interesse pelos casos estranhos e curiosos. A sua atenção restringia-se por agora à oportunidade que os três dias seguintes lhe poderiam proporcionar, pois que o coronel e a mulher iam para outra casa. Essa atenção fixou-se, é claro, grandemente no coronel também — outro caso igualmente estranho e curioso. Além disso, não era coisa que se pudesse protelar. Lyon era simultaneamente demasiado discreto e cioso das suas induções íntimas para perguntar aos outros como respondiam ao seu quebra-cabeças — receava também expor a mulher a quem em tempos idos tanto quisera. Era efetivamente provável que da conversa dos seus companheiros alguma luz lhe adviesse; a idiossincrasia do coronel, quer no que pessoalmente lhe dizia respeito, quer no que afetava a esposa, havia de ser tema familiar em qualquer das casas que eles costumavam visitar. Lyon nunca observara nos círculos que frequentava qualquer notória abstenção de comentários sobre as singularidades dos seus membros. Contrariava-lhe os planos o facto de Capadose andar na caça o dia todo, enquanto ele, agarrado aos pincéis, palestrava com *Sir* David; veio, porém, um domingo resolver em parte a dificuldade. A esposa do coronel, por felicidade, não foi

caçar e, findo o trabalho do pintor, não se mostrou inacessível. Deu com ele uns dois bons passeios — ela gostava muito de passear a pé — e ofereceu-lhe chá num recanto propício do *hall.* Por mais que a observasse, não podia persuadir-se de que a consumisse qualquer vergonha oculta; a sensação de estar casada com um homem cuja palavra nenhum valor tinha não era, no seu espírito, tanto quanto ele podia adivinhar, o bicho no seio da rosa. A sua alma parecia nada em si acoitar além da sua plácida franqueza, e quando o artista lhe sondava os olhos — com a comprida sonda que uma vez por outra se permitia usar — nenhuma inquietação de consciência lhe revelavam. Falou-lhe com profusão dos queridos tempos de outrora — recordou-lhe coisas que não tinha (antes deste encontro) ideia alguma de evocar. Depois falou-lhe do marido, gabou-lhe a figura, o talento para a conversação, confessou haver sentido por ele uma instantânea amizade e perguntou, com uma força de «cara» que o fez corar, que género de homem ele era.

— Que género de homem? — ecoou ela. — Essa agora!... Como pode uma mulher descrever o seu marido? Gosto muito dele.

— Já me disse isso tanta vez! — rosnou Lyon, exaltado.

— Então por que mo torna a perguntar? — retrucou ela imediatamente, como se fruísse de tanta ventura que pudesse condoer-se dele. — Meu marido é tudo quanto há de bom, sincero e afetivo. É um soldado, um *gentleman,* querido de todos! Não tem defeitos. E tem grandes, grandes dotes.

— Sim, dá a todos a impressão de possuir grandes dotes. Mas, é claro, não o posso considerar querido de todos.

— Que me importa o que o senhor o considera?

Everina ria-se, o que ainda a fazia parecer mais bela do que nunca. Ou era absolutamente de bronze ou de uma contrição inteiramente impenetrável, e a Lyon pouca possibilidade se antolhou de tirar dela aquilo que constituía todo o seu anseio — alguma confissão de que teria para ela sido melhor casar com um homem cujo nome não servia de apodo para o mais desprezível e menos heroico dos vícios. Não tinha ela visto, não tinha ela sentido o sorriso, o frio e murcho sorriso de completo menosprezo que percorria todos os rostos, quando seu marido perjurava para corroborar alguma negrura particularmente característica das suas invencionices? Como podia uma mulher do seu quilate viver nesse ambiente dia após dia, ano após ano, sem se lhe adulterarem os seus predicados? Ele, porém, só acreditaria na adulteração quando a ouvisse a ela mentir! Retinha-o o enigma e, todavia, na impaciência de o decifrar, a si mesmo fazia toda a casta de perguntas. Não mentia ela, afinal, quando deixava passar as mentiras do marido sem se lhe mexer um cabelo? Não era a sua vida uma permanente cumplicidade e não era ajudá-lo e instigá-lo só o facto de não sentir por ele asco? Talvez que sim, talvez que ela sentisse, realmente, esse asco, e que fosse apenas o desespero do seu orgulho que lhe dera uma máscara imperscrutável. Talvez que, em particular, ela protestasse revoltadamente; talvez que todas as noites, nos aposentos conjugais, depois da vil exibição do dia, ela desabafasse com ele de um modo só dos dois conhecido. Mas se tais cenas de nada valiam, se o marido nada fazia para se curar, como podia ela fitá-lo e, para mais, ao cabo de tantos anos de casados, com a perfeita e ingénua complacência que Lyon lhe surpreendera durante o jantar do primeiro dia? Se o nosso amigo

não lhe tivesse tido amor, teria, com certeza, tomado menos a peito os defeitos do marido. Assim, quase redundaram para ele em trágicos, apesar de muito bem saber que para os outros apenas constituíam o «feitio engraçado do coronel» e que para toda a gente a sua maneira de os encarar nada mais viria também a constituir do que uma faceta do feitio engraçado dele, Oliver Lyon.

A observação destes três dias mostrou-lhe que, se o coronel era pródigo em inventiva, as suas mentiras eram isentas de maldade, e que a sua bela faculdade se exercia de preferência em assuntos de exígua importância direta. «É o mentiroso platónico», dizia de si para si; «e desinteressado, como disse *Sir* David, não opera com mira de lucro ou desejo de ofender. É a arte pela arte — inspira-o certo amor de beleza. Tem uma visão interior do que as coisas poderiam ter sido, do que deveriam ter sido, e ajuda à boa causa pela simples substituição do colorido. Põe cor, por assim dizer; e que menos faço eu?» A sua anomalia abrangia um vasto âmbito, mas no fundo de todas as suas modalidades acoitavam-se traços de família que consistiam principalmente na sua singular futilidade. Era o que as tornava incómodas; atravancavam o campo da conversação, ocupavam um espaço precioso, transformavam-no em deserto de perpétua e vacilante miragem. Para a mentira forjada sob pressão da necessidade pode ordinariamente encontrar-se lugar conveniente, como para uma pessoa que se apresenta com uma ordem do autor na primeira noite de uma peça. Mas a mentira meramente de luxo é o cavalheiro sem passe ou sem bilhete que se instala com um mocho no corredor.

De uma só possível acusação absolvia Lyon o seu vitorioso rival: intrigava-o que, apesar de irreprimível, nunca se tivesse visto

«enrascado» no serviço militar. Mas era de notar que mantinha a linha na tropa — sobre essa augusta instituição nunca as suas asas rufiaram. Além disso, apesar de toda a pretensão pessoal, nas suas conversas raras vezes sucedia, o que bastante era de estranhar, bravatear sobre as suas façanhas militares. Tinha a paixão da caça, praticara-a em países longínquos, e algumas das suas mais belas flores eram reminiscências daquilo que prodigiosamente fizera e daquilo a que miraculosamente escapara, quando andava por longe, sozinho. Quanto mais só estivesse, tanto mais, claro é, floria o ramilhete comemorativo. Quando lhe apresentavam alguém, oferecia sempre ao recém-conhecido, em honra do seu encontro, um dos mais frisantes destes preitos — Lyon fizera imediatamente esta generalização. E o extraordinário homem tinha incoerências e lapsos inesperados — lapsos na própria trivialidade do crível. Lyon reconhecia o que lhe dissera *Sir* David, que ele tinha, por uma lei incalculável, as suas ascensões e as suas quedas, e às vezes guardava a trégua de Deus por um mês. A musa da improvisação bafejava-o a seu bel-prazer e parecia às vezes desviar dele completamente a face. Desprezava as mais belas oportunidades e depois largava vela com tudo contra si. Como regra geral, afirmava o impossível de preferência a negar o certo, embora isto também tivesse flagrantes exceções. Muitíssimas vezes, quando o que dizia provocava mais alto rumor — o que sobremaneira ele apreciava — fazia coro com os que repudiavam os seus assertos, concedia que se tratava apenas de uma experiência e que uma pessoa só sabia o que lhe acontecera depois de o haver experimentado. Todavia, nunca se retratava completamente, nem batia em retirada — mergulhava e emergia noutro sítio. Lyon adivinhava-o capaz, na

ocasião asada, de defender a sua posição com violência, embora somente quando fosse muito má. Então poderia facilmente tornar-se perigoso — despediria o dardo sem curar de saber a quem atingiria. Momentos desses poriam à prova a filosofia da mulher — Lyon teria gostado de a ver aí. Na sala de fumo e em qualquer parte, o auditório, enquanto era composto dos seus familiares, tinha sempre à mão um protesto hílare, mas entre os homens que de há muito o conheciam a sua fácil fantasia era uma velha história, tão velha que deixaram de falar dela, e Lyon não se importou, como eu já disse, de apurar essas impaciências, que talvez se assemelhassem à sua.

O que em tudo isto mais era de estranhar era que nem a surpresa nem a familiaridade impediam que toda a gente gostasse do coronel; os seus maiores apelos, mesmo à provada saciedade, passavam por exuberância de vida e jovialidade de espírito — quase de simples boas aparências. Gostava de tratar a sua galantaria com um floreio que não deixava de ser inequivocamente galante. Era um cavaleiro e atirador de primeira ordem, apesar do seu fundo de anedota a ilustrar estas proezas: em suma, era quase tão inteligente como valente e as suas aventuras e observações tinham sido quase tão numerosas e admiráveis como o rol que ele desdobrava. A sua melhor qualidade, porém, ficava sendo essa indiscriminável sociabilidade que considerava o interesse e o favor como apanágio seu e de que menos se jactava. Tornava-o bondoso, tornava-o mesmo, em certo modo, vulgar; mas era tão contagiosa que o seu ouvinte estava mais ou menos do seu lado como contra as probabilidades. Era uma reflexão particular de Oliver Lyon que ele não só era mentiroso, mas fazia qualquer conviva encantado sentir-se também mentiroso, pela própria ação do encantamento...

de uma certa submissão culposa, de que nenhuma intenção de ridículo o podia purgar.

À noite, ao jantar, e depois, o nosso amigo, melhor colocado para a observação do que na primeira noite, espiava o rosto da mulher para ver se alguma débil coloração ou algum sumido espasmo nela descortinava. Ela, porém, continuava a nada revelar e o que era de espantar era que, quando o marido falava, quase sempre ela escutava. Era o seu orgulho: queria que ninguém suspeitasse de que ela não encarava a música de frente. E Lyon não podia esquivar-se à importuna visão de um vulto velado que vinha no dia seguinte, na penumbra do crepúsculo, a certos lugares reparar os danos do coronel, como os parentes dos cleptómanos pontualmente se dirigem às lojas vítimas das suas depredações.

— Devo pedir desculpa: é claro que não era verdade; espero que nenhum mal daí resulte; é somente o seu incorrigível...

Oh, ouvir a voz daquela mulher naquela funda humilhação! Lyon nenhum fero desígnio, nenhum cônscio desejo tinha de exercer ação sobre a sensibilidade ou a lealdade dela; mas de si para si dizia que teria gostado de a levar à capitulação, de a ver *mostrar-lhe* que uma visão de dignidade de não ter casado com um pantomineiro lhe vinha às vezes turvar os sonhos. Imaginava até a hora em que, com as faces a arder, ela lhe pediria que não tomasse o caso a peito. Isso, então, quase o consolaria — mostrar-se-ia magnânimo.

Acabado o retrato, partiu, depois de haver trabalhado num ardor de interesse que o fazia acreditar no seu triunfo, enquanto não achou que tinha agradado a toda a gente, especialmente ao Sr. Ashmore e sua esposa, e então assaltou-o o ceticismo. Mudaram os

convivas. O coronel e sua mulher foram-se embora. Podia, porém, dizer consigo que a sua separação de Everina não era tanto um fim como um princípio e, logo que regressou à cidade, foi visitá-la. Ela dissera-lhe as horas a que estava em casa — parecia gostar dele. Se gostava dele, por que razão não casara com ele ou, pelo menos, por que não mostrava pena de o não haver feito? Se alguma pena sentia, bem a ocultava. O empenho que ele tinha em ver exteriorizado nesta cabeça algum visível arrependimento pode ao leitor afigurar-se extravagante, mas alguma coisa se deve conceder a um homem ferido por tanta deceção. Não pedia, afinal, muito: não pedia que ela o amasse hoje ou que lhe permitisse dizer-lhe que a amava, mas apenas que ela lhe desse algum sinal de que não sentia haver sido a sua escolha *tudo* ganho. Em vez disto, por agora, ela limitava-se a mostrar-lhe a filhinha. Era uma bela criança e tinha os olhos mais lindos que ele jamais vira: o que o não impedia de a si mesmo perguntar se também diria hórridas patranhas. Ocupou-o muito esta ideia, que bem sombriamente o divertia — visionar a ansiedade com que a mãe, à medida que a filha ia crescendo, espiava a revelação dos sintomas do estigma paterno. Agradável preocupação para uma mulher como Everina Brant! Mentia à filha a respeito do pai — sentia disso necessidade, quando a estreitava ao peito para lhe desfazer as pegadas? Coibia-se ele diante da filha — para ela lhe não ouvir dizer coisas que sabia serem diferentes do que ele afirmava? Lyon quase não considerava isso possível: o seu génio seria sempre demasiado forte para ele, e a única salvaguarda para Amy seria ela ser demasiado ingénua para criticar. Era cedo ainda para se formar qualquer juízo — a pequena era nova de mais para se manifestar. Se com a idade saísse esperta

como o pai, então sim, havia com toda a certeza de lhe seguir as pisadas — deliciosa melhoria na situação da mãe! Não se lhe vislumbravam no pequenino rosto arteirices ou manhas; mas também não transpareciam no do pai; portanto, isso nada provava.

Lyon lembrou mais de uma vez aos seus amigos a promessa por eles feita de o deixarem pintar o retrato de Amy, o que era agora apenas uma questão dependente dos vagares dele. Concebeu também o desejo de pintar o coronel — trabalho de que esperava haurir intensa e íntima satisfação. Havia de o revelar plenamente, havia de o representar naquela totalidade de que falara com *Sir* David e só os iniciados o saberiam. Estes, porém, alçariam o quadro às culminâncias — obra-prima de bela caracterização, de legítima perfídia. Durante anos alimentara o sonho de uma obra que mostrasse a visão mais profunda, ao mesmo tempo que o mero cronista dos factos da vida, e eis aqui finalmente o seu assunto. Era pena que não fosse melhor, mas não era sua a culpa. Tinha a impressão de que já ninguém «apanhava» o coronel no sentido social mais efetivamente do que ele, e fazia-o não só por instinto, mas na sequência de um plano. Momentos havia em que quase punha em dúvida o êxito do seu plano — o pobre homem ia tão terrivelmente longe! Teria mão em si um dia, olharia de frente para o seu crítico e conjeturaria que estavam a fazer pouco de si — o que levaria a mulher à mesma conclusão. Não, porém, que Lyon se importasse muito com isso, enquanto ela não supusesse — e não podia adivinhá-lo — que participava também da *partida* do pintor. Entrara de tal modo nos hábitos de Lyon ir vê-la aos domingos de tarde, que ficava agastado, quando a não encontrava em casa. Ocorria isto muitas vezes, pois este casal era muito dado a visitas, e

o coronel andava sempre à cata de diversões, que mais prazer lhe davam quando à custa dos outros. Lyon teria suposto a geral vida gregária, a constante presença de uma «galeria» boquiaberta pouco do agrado de Everina, pois era naturalmente nas casas de campo que seu marido mais afoitamente dava largas à sua exuberância. Deixá-lo ir sozinho, não o ver expor-se devia ter sido para ela um alívio, quase até um consolo. Efetivamente, ela confessou um dia ao seu amigo que preferia ficar em casa, mas não disse que era porque nas casas alheias estava sempre no potro: a razão que alegava era gostar muito de estar com a filha. Talvez não fosse criminoso comprazer-se em tais «carapetões», mas era horrendamente vulgar — o pobre do Lyon ficou radiante quando se lhe deparou esta fórmula. Certamente um dia também transporia a linha — resvalaria na fraude, para com a qual as suas intrujices orais estavam na mesma relação que as experiências do falsário para com o cheque assinado. E, no entretanto, sim, era vulgar, a despeito da sua facilidade, da sua impunidade, da tão notável elegância da sua pessoa. Duas vezes, por exceção, pelos fins do inverno, em que ele saiu da cidade para uma caçada de alguns dias, a esposa ficou em casa. Lyon ainda não atingira o ponto de lhe perguntar se o desejo de não perder duas visitas suas teria tido alguma influência na sua resolução de não acompanhar o marido. Essa indagação teria tido melhor cabimento mais tarde, quando o artista começou a pintar a pequenina Amy, que vinha sempre acompanhada da mãe. Não estava, porém, na índole daquela mulher encobrir-se sob um nome falso, simular razões, e Lyon pôde ver que ela possuía a paixão maternal, apesar do sangue ruim que corria nas veias da pequenita.

Nunca deixava de vir, embora Lyon multiplicasse as sessões; nunca confiava a Amy à precetora ou à criada. Lyon pintara o retrato do pobre velho *Sir* David em dez dias, mas o rosto simples da criança absorveu-o, atormentou-o, deu-lhe trabalho infinito. Pedia sessões sobre sessões e qualquer observador solícito notaria que estava fatigando por de mais a criança. Ele, porém, sabia melhor o que fazia, e também Everina o sabia: ficavam os dois juntos, durante os longos intervalos que ele proporcionava à pequenita, quando ela abandonava a pose e vagueava pelo grande *atelier,* entretendo-se com as suas curiosidades, brincando com as velhas roupagens, na fruição da ilimitada liberdade que lhe era concedida. Então, sua mãe e o seu tão paciente amigo — muito mais paciente do que a sua professora de piano — ficavam sentados a conversar; ele arrumava os pincéis e recostava-se na sua cadeira; oferecia-lhe sempre chá. O que a esposa do coronel Capadose não podia suspeitar era a que preço, durante estas semanas, ele desprezava outras encomendas: no que respeita ao trabalho de um homem, as mulheres não têm faculdade de imaginação para além de uma vaga ideia de que não tem importância. Lyon, efetivamente, adiava tudo e obrigava altas celebridades a esperar. Havia meias horas de silêncio, quando ele, todo entregue aos seus pincéis, de nada mais parecia ter consciência além da presença de Everina, ali sentada perto de si. Ela conformava-se facilmente com o seu mutismo, que a não aborrecia nem enleava. Às vezes pegava num livro — havia-os lá em barda; outras vezes, desviando-se um pouco na cadeira, apreciava o andamento do trabalho — sem, todavia, se abalançar a qualquer conselho ou correção — como se a interessasse qualquer pincelada que devia contribuir para o êxito do artista. Estas

pinceladas eram uma vez por outra um pouco desordenadas; o artista estava com o pensamento mais no coração do que na mão. Não estava mais enleado do que ela, mas estava mais agitado: era como se nestas sessões (pois a criança mantinha-se admiravelmente quieta e calada) alguma coisa se houvesse belamente estabelecido entre eles ou se houvesse já desenvolvido — uma tácita confiança, um segredo inexprimível. Pelo menos ele assim o sentia, mas não tinha a certeza de que ela igualmente o sentisse. O que Lyon queria que ela por ele fizesse era muito pouco; nem sequer era admitir que era infeliz. Satisfá-lo-ia dando-lhe a conhecer, até por algum sinal mudo, que podia imaginar a sua felicidade com ele... sim, mais absoluta. Talvez, efetivamente — ia até aí a sua presunção — fosse isso o que ela queria significar, deixando-se ali ficar, contente, a seu lado.

III

Por fim abordou a questão de pintar o retrato do coronel; já a temporada ia adiantada — pouco tempo havia antes da dispersão geral. Disse que deviam fazer agora a maior parte do trabalho; o importante era começar; depois, no outono, quando retomassem a sua vida londrina, podiam concluí-lo.

A esposa do coronel objetou que realmente não podia consentir em aceitar outro presente de tal valia. Lyon sacrificara-lhe, outrora, o retrato dela própria — ele sabia o rumo que eles tiveram a indelicadeza de lhe dar. Agora oferecia-lhe esta admirável recordação da filha — admirável sê-lo-ia evidentemente, quando ele o pudesse dar por concluído; prenda preciosa que, desta vez, haviam de eternamente estimar. Mas a generosidade dele e a indiscrição deles deviam deter-se aí — não podiam ficar-lhe tão tremendamente devedores. Não podiam encomendar o retrato, o que, é claro, ele compreenderia sem ela lho explicar: era um luxo muito para além das suas posses, pois que bem sabiam os altos preços por que ele se fazia pagar. Além disso, que tinham eles feito — que, acima de tudo, tinha *ela* jamais feito, para ele os cumular de finezas? Não, ele era terrivelmente bom de mais; era deveras impossível deixar-se o Clemente retratar. Lyon ouviu-a sem protesto, sem interrupção, debruçado sobre o seu trabalho, e por fim retorquiu:

— Bem, se não quer aceitá-lo, porque me não há de deixar fazer esse retrato só para meu prazer e proveito? Seja um favor, um obséquio, que solicito dele. Toda a generosidade e caridade estarão

assim do seu lado. Será para mim altamente proveitoso pintá-lo e o retrato não sairá da minha mão.

— Como é que será para si proveitoso?

— Ora, porque é um modelo raríssimo... um assunto interessantíssimo. Tem um rosto tão expressivo. Ensinar-me-á uma infinidade de coisas.

— Expressivo de quê?

— Ora essa, do seu homem interior.

— E quer pintar-lhe o homem interior?

— Já se vê que sim. É o que um grande retrato nos dá, e com um esplêndido comentário por cima a fazer jus ao dinheiro. E o que eu vou fazer do coronel há de ser um grande retrato. há de elevar-me muito alto. Por isso, vê que o meu pedido é eminentemente interesseiro.

— Como pode subir mais do que já subiu?

— Oh, sou um trepador insaciável. Não se atravesse, então, no meu caminho — disse Lyon.

— Bem, tudo nele é nobilíssimo — opôs ela, gravemente.

— Ah, confie que hei de saber pôr tudo à mostra — redarguiu o artista, sentindo-se um bocadinho envergonhado de si mesmo.

A esposa do coronel, antes de se retirar, condescendeu em dizer-lhe que o marido provavelmente anuiria ao pedido, mas foi acrescentando:

— Nada me convenceria a deixá-lo espreitar para dentro de *mim* dessa maneira!

— Oh, a si — replicou, rindo, o artista — era eu capaz de a pintar às escuras!

O coronel não tardou a pôr os seus lazeres à disposição do pintor, e no final de julho fizera-lhe já várias visitas. Lyon nenhuma deceção sofreu nem quanto à qualidade do seu modelo, nem quanto ao grau a que ele próprio se ergueu para o trabalho a executar; sentia realmente plena confiança na sua possibilidade de levar a cabo o que concebera. Integrara-se absolutamente na ideia que o inspirou, encantado com o motivo que escolhera, profundamente interessado no problema que tomara a peito resolver. O único ponto que o perturbava era a ideia de que, quando mandasse o seu quadro à Academia, não poderia inscrevê-lo no catálogo sob a simples rubrica que com toda a propriedade se lhe impunha. Não podia, em suma, apresentá-lo sob o título «O Mentiroso»... o que mais pena era. Todavia, isso pouco importava, pois estava agora resolvido a estampar esse predicado no retrato tão legivelmente — e para as inteligências mais tacanhas — como ele próprio o via estampado no rosto vivo. Como presentemente nada mais via no coronel entregou-se todo ao prazer de nada mais «exprimir». Como o fazia não o poderia ele dizer, mas, de cada vez que se sentava para trabalhar, sentia revelar-se-lhe um novo milagre de método. Era nos olhos e era na boca, era em cada linha do rosto e em cada postura de atitude, no recorte do queixo, no arranjo do cabelo, no retorcido do bigode, no ir e vir do sorriso, no arfar da respiração. Era no modo como olhava para um mundo ludibriado, em suma — o modo como ficaria para sempre a olhar. Havia na Europa meia dúzia de retratos que Lyon classificava de supremos; considerava-os sempre coisas imortais, pois estavam conservados tão perfeitamente quão consumadamente estavam pintados. Era a este restrito e exemplar grupo que ele aspirava ligar a tela em que

andava agora empenhado. Uma das obras que o ajudaram a compô-la era o magnífico Moroni da *National Gallery* — o jovem alfaiate de jaqueta branca à sua banca de trabalho, com a tesoura na mão. O coronel não era alfaiate, nem o modelo de Moroni, ao invés de muitos alfaiates, era mentiroso; o autêntico homem, corpo e alma, havia de, sob a sua mão, florir pleno de vida, precisamente com aquela certeza de se lhe não haver perdido uma gota. O coronel, à medida que o trabalho ia avançando, gostava de *pousar* e gostava de conversar durante as sessões — o que era uma felicidade, pois a sua conversa era meia inspiração para o artista. Lyon exercia sem dó o seu dom de provocação; não podia para esse efeito ter-se encontrado em melhor relação para com ele. Estimulava-o, divertia-o, excitava-o, exteriorizava uma insondável credulidade, e os seus únicos lapsos eram quando o Coronel deixava, como ele dizia, de «representar». Tinha as suas falhas, as suas horas de esterilidade, e então Lyon conhecia que o seu trabalho também descaía. Quanto mais alto voava o seu modelo, quanto mais adejava e cantava no azul, tanto melhor o artista se sentia pintar; somente não podia fazer durar esses voos e essas evoluções. Chicoteava a sua vítima, quando afrouxava; a sua única dificuldade era novamente o receio de que o coronel desconfiasse do jogo. Deixava-se, porém, facilmente iludir; aquecia-se e expandia-se à luz bela e forte da atenção do pintor. Deste modo, foi o trabalho avançando depressa, espantosamente mais depressa, apesar da sua muito maior «importância», do que o retrato da rapariguinha de rosto ingénuo e simples. A cinco de agosto estava quase concluído: era a data da derradeira sessão que o coronel podia, por agora, conceder — ia para fora com a esposa no dia

seguinte. Lyon estava amplamente satisfeito — via o seu caminho desimpedido; poderia à vontade fazer o que lhe restava; a presença do seu amigo seria agora dispensável. Como não havia pressa, deixaria a tela guardada até ao seu regresso a Londres, em novembro, e então atirar-se-ia a ela com olhos repousados e frescos. Quando o coronel lhe perguntou se Everina podia no dia seguinte dar-lhe uma vista de olhos, se tivesse um minuto disponível — era desejo ardente seu — Lyon pediu-lhe como especial favor que se dignasse esperar: o que lhe restava fazer pouco era na realidade, mas para ele importava tudo. Era a repetição de uma proposta que a mulher do coronel lhe fizera, a última vez que ele a visitou: Lyon recomendara-lhe então que só viesse ao *atelier* quando ele mostrasse nisso maior agrado. Nunca, realmente, em situação análoga, sentira maior agrado; e a sua subtileza fê-lo corar um pouco.

No dia cinco de agosto estava muito calor e, enquanto o coronel, sentado em frente do artista, dava livre curso à sua fantasia, Lyon, a fim de estabelecer ventilação, abriu uma portazita subsidiária que do *atelier* dava discretamente para o jardim e às vezes servia de entrada e saída para modelos e visitas de categoria mais humilde, e de passagem para telas, molduras, caixotes e outros acessórios profissionais. A entrada principal era através da casa e dos seus aposentos, e esta aproximação tinha o encantador efeito de introduzir o visitante primeiro numa alta galeria, da qual uma escada de caracol, disposta com felicidade, descia até à vasta sala decorada e atulhada de obras de arte. Esta sala, com todas as suas preciosidades artísticas e objetos de valor que Lyon colecionava, nunca deixava de arrancar exclamações de prazer a

quem penetrava na galeria. Do jardim o caminho era mais simples e, ao mesmo tempo, mais acessível e mais recatado. A residência de Lyon, em Saint John's Wood, não era vasta, mas, quando a porta ficava aberta, num dia de verão, deixava entrever flores e árvores, sentia-se uma doçura no ar e ouviam-se os pássaros. Nesta especial manhã fora a porta lateral preferida por uma visita que se não fizera anunciar, uma mulher ainda nova que se quedou de pé no *atelier*, antes de o coronel dar pela sua presença, mas que ele fora o primeiro a ver. Estava muito calma — olhou para um e depois para o outro.

— Oh, meu Deus, cá está outra! — exclamou Lyon, logo que nela pôs os olhos.

Pertencia, realmente, àquela classe um tanto importuna de modelos à cata de emprego, e a mulherzita explicou que se atrevera a entrar daquele modo porque muitas vezes os criados, nas casas aonde ia, lhe pregavam partidas, punham-na na rua e nem lhe tomavam conta do nome.

— Mas como entrou no jardim? — perguntou Lyon.

— O portão estava aberto, senhor... o portão de serviço. Estava lá o carro do carniceiro.

— O carniceiro devia tê-lo fechado — observou Lyon.

— Então não precisa de mim? — voltou a intrusa.

Lyon continuou a pintar. Relanceara-lhe primeiro um olhar brusco, mas agora os seus olhos só ao trabalho atendiam. O coronel, porém, examinava-a interessado. Era uma pessoa de quem mal se podia dizer se era uma nova com parecenças de velha, ou uma velha com parecenças de nova; fosse como fosse, via-se que tinha dobrado várias esquinas da vida; tinha um rosto que era

rosado, mas que nenhuma ideia de frescura sugeria. Era, não obstante, um tanto bonita, dando, até, a impressão de haver em tempos servido de modelo por causa da tez. Trazia um chapéu com muitas penas, um vestido com muitas contas, luvas pretas compridas, envolvidas por pulseiras de prata, e sapatos em precário estado. Havia nela o seu quê, não exatamente da precetora desempregada, nem completamente da atriz em busca de contrato, mas antes de uma profissão precária, talvez mesmo de uma carreira falhada. Estava percetivelmente suja e enodoada, e, ao cabo de uns momentos da sua estada no *atelier* sentia-se no ar a presença de um vago bafo alcoólico. Não aspirava o *h,* e quando, por fim, Lyon lhe agradeceu e disse que não precisava dela — não tinha entre mãos nenhum trabalho para o qual ela lhe pudesse ser útil — ela replicou, como que melindrada:

— Bem, o senhor bem sabe que já cá me teve!

— Não me lembro de si — replicou Lyon.

— Bem, talvez se lembrem as pessoas que viram os seus quadros! Não tenho muito tempo, mas lembrei-me de cá vir.

— Muito obrigado.

— Se algum dia precisar de mim é só mandar um postal...

— Nunca mando postais.

— Oh, bem, muito apreciaria uma carta particular! *Miss* Geraldine, Mortimer Terrace Newes, Notting Hill...

— Muito bem; não me esquecerei.

Miss Geraldine deixava-se ficar, hesitante.

— Julgava poder ficar com alguma certeza.

— Não lhe posso dar esperança nenhuma, estou tão ocupado com retratos...

— Sim; bem vejo. Quem me dera estar no lugar daquele senhor!

— Havia de ficar um retrato muito parecido! — exclamou, numa franca gargalhada, o coronel.

— Oh, é claro, não se podia comparar... não ficaria tão bonito. Mas detesto os retratos! — declarou *Miss* Geraldine. — É pão que nos tiram da boca!

— Bem, há muitos que os não podem pintar — sugeriu Lyon para a consolar.

— Oh, tenho *pousado* para os primeiros... e só para os primeiros! Se não fosse eu, muitos nada teriam feito.

— Estimo muito saber que é assim tão pretendida.

Lyon já não tinha vontade de pintar e, impaciente já, acrescentou que não queria demorá-la mais... mandá-la-ia chamar em caso de necessidade.

— Perfeitamente; lembra-se, é no News... que pena! Os senhores não *pousam* tão bem como nós! — prosseguiu a mulherzinha, virada para o coronel. — Se precisar de mim...

— Está a maçá-lo; incomoda-o — observou Lyon.

— Incomodo-o, oh, meu Deus! — exclamou *Miss* Geraldine, soltando uma risada que espalhou no ar uma baforada alcoólica. — Talvez me mande postais, não? — prosseguiu, dirigindo-se ao coronel; mas retirou-se logo com passo vacilante. Saiu pelo jardim como viera.

— É terrível... está bêbeda! — disse Lyon. Estava a pintar com afinco, mas ergueu os olhos, contendo-se: *Miss* Geraldine tornara a enfiar a cabeça pela porta aberta.

— Sim, detesto isso! — exclamou ela com uma hilaridade que confirmava a acusação de Lyon. Em seguida desapareceu.

— Isso, quê? Que quer ela dizer? — inquiriu o coronel.

— Pintá-lo ao senhor quando a podia pintar a ela.

— E já alguma vez a pintou?

— Nunca; nunca a vi. Está absolutamente enganada.

O coronel ficou calado uns momentos; depois observou:

— Era muito linda... há dez anos.

— Talvez; mas está completamente estragada. Para mim «uma gota a mais» basta para as estragar; não a quero para nada.

— Meu caro amigo, não é um modelo — volveu o coronel, a rir.

— Hoje, não há dúvida, não é digna do nome; mas teve a sua época.

— *Jamais de la vie!* Isso é tudo um pretexto.

— Um pretexto? — Lyon arrebitou as orelhas. A si mesmo perguntava o que iria sair agora.

— Não era a si que ela queria... era a *mim.*

— Notei que ela lhe prestava alguma atenção. Que quer ela então de si?

— Oh, pregar-me alguma partida. Odeia-me... muitas mulheres me odeiam. Anda a espreitar-me... segue-me.

Lyon recostou-se na cadeira, sem um ápice de fé. Estava encantado com o que ouvira e com o modo radioso e cândido do coronel. Da semente lançada imediatamente brotara e florira a história.

— Meu caro coronel! — murmurou o pintor com amigo interesse e comiseração.

— Fiquei aborrecido quando ela entrou... mas não me desconcertei — continuou o coronel.

— Se se desconcertou, ocultou-o muito bem.

— Ah, quando um homem passou o que eu passei! Hoje, porém, confesso, estava semipreparado. Vi-a a rondar por aí, ela conhece as minhas andanças. Estava perto de minha casa esta manhã... deve ter-me seguido.

— Mas quem é, então... com aquela «cara» tão encantadora?

— Sim, «cara» não lhe falta — tornou o Coronel —; mas, como vê, ficou *comida.* Contudo, tem topete. É uma vagabunda. Não é modelo, nem nunca o foi; sem dúvida conheceu alguma destas mulheres e apanhou-lhes a forma. Tinha-se agarrado a um amigo meu há dez anos... um parvajola que a gente podia muito bem deixar depenar, mas a quem fui obrigado a deitar a mão por motivos de família. Contos largos... já me tinha esquecido disso tudo. Ela tem trinta e sete anos. Consegui arranjar uma diversão e arrancar-lho das mãos... depois mandei-a tratar da vida. Ela soube que era a mim que tinha de agradecer. Nunca me perdoou... Parece-me que não anda no seu juízo. Não se chama Geraldine e duvido muito que seja aquela a sua morada.

— Ah, como se chama então?

Lyon estava interessadíssimo. Notara sempre que, uma vez que o seu amigo desferia voo, não havia perigo em perguntar; quanto mais perguntas lhe faziam, maior proveito se colhia.

— Chama-se Pearson... Harriet Pearson; mas chamava-se Grenadine... não era esquisito? Grenadine. Geraldine... era fácil o salto.

Lyon estava deliciado com esta fluência de facilidade, e o seu interlocutor prosseguiu:

— Há uma porção de anos que não pensava nela, tinha-a inteiramente perdido de vista. Não sei o que se lhe meteu na cabeça fazer, mas praticamente é inofensiva. Quando vinha para cá, pareceu-me vê-la na estrada. Deve ter descoberto que venho cá e chegou antes de mim. Está talvez (posso até dizer com certeza) à minha espera agora.

— Não seria melhor precaver-se? — perguntou Lyon, divertido.

— A melhor precaução são cinco *xelins...* até aí ainda vou. A não ser que tenha um frasco de vitríolo. Mas elas só atiram vitríolo aos homens que as «perderam», coisa que eu nunca fiz. Disse-lhe a primeira vez que a vi que não arranjava nada com isso. Oh, se ela estiver por aí, acompanho-a um bocadito, falo-lhe e, como disse, irei até aos cinco *xelins.*

— Bem — disse Lyon — contribuirei com outros cinco.

Sentia que era pagar pouco pelo que estava lucrando.

Este colóquio foi, porém, interrompido, chegada a hora, pela partida do coronel. Lyon esperava que tivesse seguimento — uma carta do coronel a pormenorizar-lhe o drama do encontro, mas este génio parecia não operar com a pena. Fosse como fosse, saiu da cidade sem escrever — haviam aprazado encontrar-se de novo daí a três meses.

Oliver Lyon passava sempre as férias do mesmo modo: durante as primeiras semanas fazia uma visita ao seu irmão mais velho, o feliz possuidor, no sul de Inglaterra, de uma velha casa, de magníficos jardins, em que ele se deleitava, e depois ia para o estrangeiro — usualmente para Itália ou Espanha. Este ano seguiu

o seu costume, depois de lançar um derradeiro olhar ao seu trabalho quase concluído e sentindo-se quase tão satisfeito com ele quanto o permitia o decoro — a tradução da ideia pela mão afigurava-se-lhe sempre, na melhor das hipóteses, um lastimoso compromisso. Uma tarde na aldeia, estava ele a fumar o seu cachimbo num dos velhos terraços, quando o tomou a fantasia de ir deitar outra olhadela ao seu último trabalho e ao mesmo tempo acrescentar-lhe duas ou três coisas que lhe vieram à ideia e o não deixavam descansar. Não pôde resistir mais tempo, e, conquanto fosse ainda muito cedo para regressar a Londres, decidiu partir. Cinco minutos com a efígie do coronel seriam suficientes para se libertar de preocupações que lhe zumbiam no cérebro. No dia seguinte, pois, tomou o combóio para a cidade. Não prevenira: almoçaria no clube e provavelmente regressaria a Sussex pelo combóio das 5:45.

Em Saint John's Wood é sempre lenta a maré da vida humana, e nos primeiros dias de setembro Lyon apenas encontrou silêncio e solidão nos caminhos soalheiros, onde os pequenos muros caiados, com as suas portas fechadas, tinham um vago aspeto oriental. Não havia o mais leve rumor de vida em sua casa, em que entrou servindo-se da sua gazua, pois gostava às vezes de colher os criados de surpresa. A boa da mulherzinha que tinha a seu cargo a guarda da casa, funções que acumulava com as de cozinheira e governante, ouviu-lhe, porém, os passos e — visto ele cultivar a lhaneza de trato com os seus serviçais — ela acolheu-o sem a confusão da surpresa. Lyon tranquilizou-a, dizendo que viera apenas por algumas horas e que teria que fazer no *atelier.* Ela comunicou-lhe que vinha mesmo a tempo de ver uma senhora e um

cavalheiro, que estavam lá nesse momento — haviam chegado cinco minutos antes. Dissera-lhes que o patrão estava ausente, mas eles responderam que não fazia mal; apenas queriam ver um quadro e teriam cuidado com tudo.

— Penso que não haverá novidade, senhor, concluiu a serviçal. O cavalheiro diz que o senhor lhe pintou o retrato e disse-me o nome... assim um nome esquisito; acho que é militar. A senhora é muito linda; seja como for, eles estão aí.

— Oh, está muito bem.

Lyon percebeu logo a identidade das visitas. A boa da mulher não podia conhecer, tendo, quando ele estava em casa, tão pouco contacto com quem entrava e saía; o criado, que recebia as visitas e as acompanhava depois até à porta, tinha ido com ele para a aldeia. Grande surpresa foi para Lyon a vinda da esposa do coronel, que bem sabia do seu pouco desejo de lhe mostrar o retrato por acabar, mas era para ele uma verdade familiar que Everina era uma mulher audaciosa. E — quem sabe? — talvez até nem fosse ela; bem podia o coronel ter trazido alguma amiga curiosa que desejasse mandar pintar o retrato do marido. Fosse, porém, o que fosse, que estavam eles a fazer, naquela altura, na cidade?

Lyon encaminhou-se para o *atelier* com certa curiosidade; ia a si mesmo vagamente perguntando em que estariam os seus amigos entretidos. Pôs a mão no reposteiro da porta de comunicação, porta que dava para a galeria construída para desafogo na ocasião em que o *atelier* foi acrescentado à casa; mas logo ao primeiro movimento para fazer o reposteiro deslizar nas argolas, estacou, súbito. Chegou-lhe aos ouvidos, vindo da sala em baixo, um singular som que o sobressaltou; parecia um gemido aflitivo, ou melhor,

talvez um grito abafado, acompanhado de um pranto desfeito. Oliver Lyon apurou o ouvido e, em seguida, passou para a varanda, que estava coberta com um velho e espesso tapete mourisco. Não se lhe ouviam os passos sem que para isso ele alguma coisa fizesse, e após esse primeiro instante encontrou-se a aproveitar irresistivelmente do acaso de não haver atraído a atenção das duas pessoas que se encontravam no *atelier,* uns seis metros por baixo dele.

O facto de estarem deveras tão profunda e estranhamente absorvidas explicava o não darem fé de que estavam sendo observadas.

A cena que se estava passando ante os olhos de Lyon era mais extraordinária do que tudo o que até aí lhe fora dado presenciar. A delicadeza e a impossibilidade de compreender coibiram-no a princípio de intervir — o que ele via era uma mulher que, num dilúvio de lágrimas, se lançara no seio do seu companheiro; após o que a surpresa e a discrição cederam a uma força que o fez recuar para trás do reposteiro. Esta mesma força, depois — a força de uma *necessidade* de saber — fê-lo aproveitar-se, para melhor observação, de uma frincha formada pela junção das duas metades do reposteiro. Tinha perfeita consciência do que estava a fazer — era naquele momento um espião à escuta; sabia também que se estava passando alguma coisa irregular, que haviam abusado da sua confiança e que o interessavam tanto as razões que motivaram aquela cena quão pouco o interessava a forma que ela tomasse. A sua observação, as suas reflexões tiveram a rapidez do relâmpago.

Estavam os dois no meio da sala; Everina, agarrada ao marido, chorava; soluçava como se o coração se lhe despedaçasse. A aflição que a consumia horrorizou Oliver Lyon, mas maior foi o seu espanto do que o seu horror, quando ouviu o coronel vociferar, indignado:

— Maldito seja ele! Maldito seja! Maldito, maldito!

Que acontecera? Por que soluçava ela e a quem amaldiçoava ele? O que acontecera viu-o Lyon um momento depois: o coronel fora buscar a tela perante a qual *pousara* — sabia o sítio onde o artista habitualmente a arrumava, num recanto afastado e com a cara para a parede — e instalara-a num cavalete devoluto para a mulher a apreciar. Ela olhara uns momentos para o retrato e depois — aparentemente — o que nele viu produzira-lhe uma explosão de horror e cólera. Ficou tão profundamente sucumbida e o coronel estava tão absorvido a ampará-la ou a desabafar a sua raiva que não podiam olhar em redor de si ou para o alto. A cena foi para Lyon tão inesperada que lhe faleceu imediatamente todo o ânimo para acudir a uma prova do triunfo da sua mão — um tremendo êxito: apenas a si mesmo perguntava o que podia aquilo significar. A ideia do triunfo não tardaria a surgir. Do lugar onde se encontrava podia ver o retrato que pintara; surpreendeu-o a sua aparência de vida — não supusera que o vigor que nele pusera pudesse a tal ponto realçar. Everina desprendeu-se dos braços do marido, atirou-se para a primeira cadeira, apoiou-se a uma mesa e escondeu a cabeça nos braços. Os *ais* da sua dor afrouxaram, mas ela tremia como que alanceada de angústia e vergonha. Seu marido quedou-se um momento de olhos fitos no quadro, depois abeirou-se dela, curvou-se, enlaçou-a de novo nos braços, procurou consolá-la.

— Que é, meu amor... que diabo é isso?

Lyon bebeu-lhe avidamente a resposta:

— É cruel... Oh, é cruel de mais!

— Maldito seja ele, maldito, maldito! — repetiu o coronel.

— Está lá tudo... está lá tudo! — tornou ela.

— Com mil demónios, tudo o quê?

— Tudo o que não devia estar... tudo o que ele viu. É terrível!

— Tudo o que ele viu? Ora essa, então eu não sou assim boa figura? Queres que eu diga que ele me fez bonito?

Everina pusera-se de novo a pé; relanceara novo olhar ao retrato-denúncia.

— Bonito?! Hediondo, hediondo! Isso não... isso nunca, nunca!

— Não o quê? Por amor de Deus? — quase berrou o coronel. Lyon podia ver-lhe o assombro na cara afogueada.

— O que ele fez de ti... o que tu sabes! Ele sabe... ele viu. Toda a gente há de saber e ver. Imagina isto na Academia!

— Estás a endoidecer, meu amor; mas, se detestas assim o retrato, não precisa de ir — declarou o pobre homem ferreteado.

— Ah, ele o mandará... é um trabalho tão bom! Vamos embora... Vamos embora! — gemeu Everina, agarrando o marido.

— Tão bom?! — gritou a vítima.

— Vem daí... Vem daí! — limitou-se ela a repetir, e voltou-se para a escada que dava acesso à galeria.

— Por aí não... por dentro da casa não, no estado em que estás! — ouviu Lyon o coronel dizer. — Por aqui... podemos passar — acrescentou, e puxou a mulher para a pequena porta que dava para o jardim. Estava fechada com o ferrolho, mas ele empurrou-o e

abriu a porta. Everina saiu rapidamente, mas ele parou e voltou-se para trás a olhar para dentro.

— Espera por mim um instantinho! — bradou para a esposa; e com passo excitado tornou a entrar no *atelier.* Aproximou-se de novo do quadro... cobriu-o de novo com o seu olhar aparvalhado.

— Maldito seja ele, maldito, maldito! — vociferou mais uma vez.

Todavia, Lyon não percebia se esta maldição tinha por objeto o original ou o pintor. O coronel desviou-se e deu uns passos, como que à procura de alguma coisa; Lyon ficou um momento perplexo, sem saber qual a sua intenção; no momento seguinte, disse de si para si, a meia voz:

— Vai fazer maldade!

O seu primeiro impulso foi soltar um grito preventivo, mas deteve-se com o som dos soluços de Everina Brant ainda nos ouvidos. O coronel encontrou o que procurava — no meio de vários apetrechos numa mesinha — e correu para o cavalete. Lyon imediatamente reconheceu o objeto que o coronel empunhava — era um pequeno punhal oriental — e, num pronto, viu-o cravá-lo na tela. Incitado como que por uma fúria súbita e exercendo um raro vigor de mão, puxou o instrumento de cima a baixo — Lyon sabia que o punhal não estava bem afiado — fazendo um longo e abominável rasgão. Depois arrancou-o e vibrou com ele vários golpes na cara do retrato, exatamente como se estivesse a apunhalar uma vítima humana: tinha o mais portentoso efeito — dir-se-ia a prefiguração ou o ensaio de um suicídio. Passados uns segundos, o coronel atirou fora a lâmina — não sem para ela olhar, como se nela procurasse ver sangue — e saiu a toda a pressa.

O mais estranho de tudo isto — como sem dúvida parecerá — foi que Oliver Lyon nem ergueu a voz nem a mão para salvar o seu quadro. O ponto é que ele não sentia que ia perdê-lo ou não se importava mesmo de o perder, tão cônscio estava de ganhar uma certeza. A sua velha amiga envergonhava-se do marido e fora ele quem a tal a levara: ganhara uma grande vitória, mesmo à custa do seu precioso trabalho.

A tal ponto o excitou esta revelação — como deveras o excitou toda a cena — que ao descer as escadas, depois da saída do coronel, tremia de venturosa agitação; estava aturdido e teve de se sentar por uns momentos. O retrato tinha uma dúzia de golpes — o coronel ferira-se literalmente de morte. Lyon deixou a tela como estava, não lhe pôs a mão, mal para ela olhou; deu uns passos para lá e para cá no *atelier,* com uma sensação de consumado triunfo, como jamais nenhuma tela acabada, encaixilhada, envernizada, entregue e paga lhe proporcionara. Por fim, veio a mulherzinha convidá-lo para almoçar; havia um corredor que, por baixo das escadas, dava para a cozinha.

— Ah, a senhora e o cavalheiro já foram embora? Não os ouvi sair.

— Sim, já saíram. Foram pelo jardim.

Mas ela parara, de olhos fitos no quadro pousado no cavalete.

— Meu Deus, em que estado o pôs, senhor!

Lyon imitou o coronel:

— Sim, espatifei-o... deu-me uma fúria...

— Meu Deus, depois de tanto trabalho! Foi por eles não gostarem, senhor?

— Foi, eles não gostaram.

— Oh, devem ser, então, muito esquisitos! Eu é que o não fazia!

— Corte-o em bocados; servirá para acender o lume — disse, com magnífico desprendimento, Lyon.

Regressou à aldeia pelo combóio das 3:30 e, passados uns dias, partiu para França.

Durante estes dois meses que passou no continente sentiu-se sempre tomado de certa ansiedade — esperava alguma coisa, mal sabia dizer o quê; qualquer coisa da parte do coronel. Não escreveria, não daria uma explicação, não suporia que Lyon houvesse descoberto o que ele lhe fizera ou não acharia conveniente de qualquer forma mostrar-se penalizado pela sua mistificação? Confessaria a sua culpa ou repudiaria qualquer suspeita? Esta segunda atitude seria difícil; poria, deveras, à prova o seu génio, em vista da testemunha que introduzira os visitantes e estabeleceria a ligação entre a sua presença e a perpetração do delito. Apresentaria o coronel alguma desculpa ou justificação, ou seria qualquer palavra sua apenas uma nova expressão daquele exasperado espanto que o nosso amigo vira Everina tão súbita e fatalmente comunicar? Ou juraria que nunca tocara no retrato ou confessaria o que fizera e, em qualquer dos casos, havia de se ver em apuros para encontrar uma versão difícil. Lyon estava impaciente por deslindar esta história provavelmente notável, e, como não chegou carta, grande foi a sua deceção. A sua impaciência, porém, era muito maior a respeito da inevitável parte que Everina tomaria na explicação, se explicação viesse a haver; pois certamente seria essa a prova real, mostrar-lhe-ia até onde ela iria, de um lado, por causa do marido, por causa dele próprio, do

outro. Mal podia esperar para ver que rumo ela seguiria — se se limitaria a salvar o marido, fosse de que maneira fosse. Ter-lhe-ia acalmado a impaciência colher dela alguma coisa sem esperar, obter de antemão uma ideia. Escreveu-lhe, neste intuito, de Veneza, no habitual tom de amizade, pedindo notícias, contando-lhe peripécias da sua digressão, exprimindo-lhe a esperança de se encontrarem de novo em Londres e nem uma palavra dizendo acerca do retrato. Seguiram-se os dias, uns após outros, sem que chegasse resposta; refletiu então que talvez ela não confiasse em si própria para responder — estava ainda magoada, desconcertada pela «traição» dele. Seu marido perfilhara o ressentimento dela, e ela perfilhara o ato que dele era consequência; era, portanto, completa a rutura e terminara tudo. Lyon sentia-se francamente desgostoso com este desfecho, ao mesmo tempo que achava deplorável pessoas tão encantadoras liquidarem assim tão indelicadamente. Alegrou-o, finalmente, embora pouco mais o esclarecesse, a chegada de uma carta, breve, mas impregnada de bom humor e sem o mínimo ressaibo de agravo ou de remorso. A parte mais interessante para ele era o *postscriptum,* que rezava assim:

> Tenho uma confissão a fazer-lhe. Estivemos uns dois dias na cidade, nos princípios de setembro, e aproveitei o ensejo para infringir as suas ordens: procedi, é certo, muito mal, mas não pude conter-me. Fiz o Clemente levar-me ao seu *atelier* — tinha tamanho desejo de ver o retrato, apesar de saber que o senhor não queria que eu o visse. Conseguimos que os seus criados nos deixassem entrar e vimo-lo bem. É deveras admirável!

«Admirável» não comprometia; mas com esta carta não havia rutura.

O terceiro dia, depois do seu regresso, era domingo, de modo que podia ir pedir de almoçar à esposa do coronel Capadose. Ela brindara-o na primavera com um convite geral para assim fazer e já várias vezes dele se aproveitara. Foram as ocasiões, antes de iniciar o retrato, em que mais à vontade viu o coronel. Imediatamente após a refeição, o dono da casa desaparecia (ia, como ele dizia, visitar as suas mulheres) e a segunda meia hora era a melhor, mesmo quando estavam outras pessoas presentes. Agora, nos primeiros dias de dezembro, Lyon teve a sorte de encontrar o casal a sós, até sem Amy, que raras vezes aparecia em público. Estavam na sala de visitas, esperando que os chamassem para o almoço, e, mal ele entrou, logo o coronel exclamou:

— Meu caro amigo, estou encantado de o ver! Estou ansioso por recomeçar!

— Oh! Está um belo trabalho — disse a esposa, ao estender-lhe a mão.

Lyon olhou de um para o outro; não sabia o que esperara, mas isso é que não esperara.

— Ah, então, acham que apanhei alguma coisa?

— Apanhou tudo! — respondeu Everina.

E, ao dizer isto, sorriam-lhe os lindos olhos de um castanho dourado.

— Ela escreveu-lhe a respeito do nosso crimezinho? — perguntou o marido. — Arrastou-me lá... não tive remédio senão ir.

Lyon ficou por um momento perplexo, a si mesmo perguntando se por «crimezinho» o coronel se queria referir à destruição da tela;

mas as palavras seguintes do seu amigo tornavam esta hipótese impossível:

— Sabe que eu gosto que me pinte. O senhor quer-me animado e assim posso à vontade dar à língua. E agora tenho tempo.

— Deve lembrar-se de que estava quase no fim — retorquiu Lyon.

— É verdade. Que pena! — gostaria que começasse outra vez.

— Meu caro amigo, terei de começar outra vez! — gargalhou o pintor com os olhos na esposa do coronel. Ela desviou os seus e levantou-se para tocar a campainha. — O quadro está em bocados — continuou Lyon.

— Em bocados? Ah, porque fez isso? — clamou Everina, de pé, diante dele, em toda a sua rica e clara beleza. Agora, que estava a olhar para ele era impenetrável.

— Não fui eu... encontrei-o assim... com uma dúzia de facadas!

— Olhem! — exclamou o coronel. — Que vergonha!

Lyon voltou-se para ele com um largo sorriso:

— Não foi decerto o senhor?

— Deram cabo dele? — perguntou, a sério, o coronel. Era tão luminosamente verdadeiro como a esposa e tinha um olhar tão simples como se a pergunta de Lyon não pudesse ser a sério. — Para lhe tornar a servir de modelo? Meu caro amigo, se eu tivesse pensado nisso era capaz de o fazer!

— Nem a senhora? — perguntou o pintor a Everina.

Antes de ela ter tempo de responder, agarrou-lhe o marido o braço, como que iluminado por uma lúgubre luz.

— Olha, minha querida, aquela mulher... aquela mulher!

— Aquela mulher!? — repetiu a esposa; e Lyon também a si mesmo perguntava que mulher queria ele significar.

— Não te lembras, quando nós saímos, ela estava à porta... ou um bocadinho mais adiante? Falei-te dela... Disse-te quem era. Geraldine... Grenadine... aquela que lá entrou um dia — explicou a Lyon. — Vimo-la vaguear pelo jardim... chamei a atenção da Everina para ela.

— Quer dizer que foi ela quem me inutilizou o trabalho?

— Ah, sim, recordo-me — disse vagamente a esposa do coronel.

— Tornou a lá entrar... já sabia o caminho. .. estava à espera da ocasião — prosseguiu o coronel. — Ah, que horrível fera!

Lyon olhou para o chão; sentia-se corar. Eis o que ele esperara — o dia em que o coronel levianamente sacrificasse alguma pessoa inocente. E podia sua esposa ser conivente nessa atrocidade final? Repetidas vezes, durante as semanas anteriores, a si mesmo recordara que, quando o coronel perpetrara o seu atentado, já ela não estava no *atelier;* mas tinha a certeza virtual de que, ao voltar para junto dela, o marido lhe contara imediatamente o que acabava de fazer. Ardia ainda na exaltação da façanha; e ainda mesmo que lho não houvesse narrado, ela tê-lo-ia adivinhado. Lyon nem por um momento acreditou que a pobre Geraldine tivesse andado a rondar-lhe a porta, nem a história contada pelo coronel, no verão anterior, das suas relações com esta criatura lhe merecera o mais pequeno crédito. Lyon nunca a vira antes do dia em que ela lhe apareceu no *atelier,* mas conheceu-a e classificou-a como se lhe tivera saído das mãos. Estava familiarizado com o modelo londrino em todas as suas

variedades femininas —em todas as fases da sua evolução e em todos os passos do seu declínio. Quando entrou em casa nessa manhã de setembro, logo após a chegada dos seus dois amigos, nenhum indício lobrigou na estrada da reaparição de *Miss* Geraldine. Esse facto fixara-se-lhe na mente pela recordação de que, quando a cozinheira lhe disse que estavam uma senhora e um cavalheiro no *atelier,* nenhum carro havia visto à porta. Refletira então que teriam vindo pelo metropolitano; morava perto da estação de Marlborough Road e sabia que o coronel, repetindo tantas vezes a sua peregrinação, se utilizava habitualmente dessa comodidade.

— Como diabo entrou ela? — lançou a pergunta com indiferença.

— Vamos almoçar — disse a esposa do coronel, saindo da sala.

— Nós fomos pelo jardim... sem incomodar a sua criada... queria mostrar à minha mulher... — Lyon seguia atrás com o coronel, que parou no alto das escadas. — Meu caro amigo, não poderei ser culpado da tolice de não fechar a porta?

— Não sei, ao certo, coronel — respondeu Lyon, descendo. — Foi mão decidida que fez aquilo... fúria de gato bravo...

— Bem, ela é uma gata brava... diabos a levem! Por isso é que eu o quis livrar dela.

— Mas não compreendo que razões ela teria.

— Bem, perdeu a cabeça... e odeia-me. Foi essa a razão...

— Mas não me odeia a mim, meu caro amigo! — tornou Lyon, prazenteiramente.

— Odiava o retrato... não se lembra de lho ter ouvido dizer? Quantos mais retratos, menos trabalho para os modelos como ela.

— Sim; mas ela não é realmente o modelo que pretende ser. Como pode isso prejudicá-la? — perguntou Lyon.

A pergunta embaraçou o coronel um momento, mas um momento apenas.

— Ah, a maldade cega-a. Não sabe onde está.

Entraram na sala de jantar, onde a esposa do coronel já se estava a sentar.

— É uma coisa ignóbil, horrorosa! — exclamou ela. — Vê que os factos são contra si. A Providência não quer deixá-lo ser tão desinteressado... dando obras-primas de graça.

— Viu a mulher? — perguntou Lyon a Everina com uma tal ou qual rispidez que lhe não foi possível mitigar.

Ela pareceu não a sentir ou, se a sentiu, não o deu a entender.

— Estava uma pessoa, não longe da sua porta, para a qual o Clemente me chamou a atenção. Disse-me alguma coisa a respeito dela, mas nós íamos pelo outro lado.

— E pensa ter sido ela quem fez aquilo?

— Como poderei dizê-lo? Se o fez, estava doida, pobre desgraçada.

— Muito gostaria de lhe deitar a mão — disse Lyon. Era um fingido empenho em apurar a verdade; nenhum desejo tinha de se tornar a avistar com *Miss* Geraldine. Submetera os seus amigos à sua crítica, mas nenhuma vontade tinha de os expor às dos outros e muito menos à deles próprios.

— Oh, confie que nunca mais ela lhe aparecerá. Pode estar descansado *agora!* — assegurou o coronel.

— Mas eu lembro-me da morada dela: Mortimer Terrace Hall, Notting Hill.

— Isso é léria! Não existe tal sítio.

— Meu Deus, que refinada intrujona! — exclamou Lyon.

— Suspeita de mais alguém? — tornou o coronel.

— De ninguém.

— E que dizem os seus criados?

— Dizem que não foram eles, e eu replico-lhes que nunca disse que fossem eles. E nisto se resumem as nossas conversas.

— E quando descobriram a patifaria?

— Eles não descobriram nada. Fui eu o primeiro a ver... quando regressei.

— Bem, ela podia facilmente ter entrado — insistiu o coronel. — Não se lembra das reviravoltas dela naquele dia, que parecia um palhaço na pista?

— Lembro, sim; ela podia fazer o trabalhinho em três segundos; mas o facto é que o quadro estava guardado.

— Ah, meu caro amigo — regougou o coronel — não me amaldiçoe!... mas fui eu quem foi buscar o quadro ao sítio onde ele estava arrumado.

— E não o tornou a arrumar? — gritou Lyon tragicamente.

— Ah, Clemente, Clemente, eu não te disse que o tornasses a pôr no seu lugar? — lamuriou, em tom de censura, a esposa.

O coronel quase rugiu de compunção; tapou a cara com as mãos. As palavras de Everina Brant foram para Lyon o golpe de misericórdia; fizeram ruir toda a sua visão — a sua teoria de que ela se conservara secretamente sincera e verdadeira. Nem sequer para o seu antigo namorado! Sentia-se mal; não podia comer; sabia a cara estranha que devia ter. Tentou alguma banalidade sobre leite entornado e a tolice de fazer celeuma por causa disso... tentou

desviar a conversa para outras coisas. Demandava, porém, um esforço horrível e a si mesmo perguntava que efeito isso produziria sobre eles. Fazia a si mesmo uma infinidade de perguntas: se eles adivinhavam que ele lhes não ligava crédito — isso tinha ele, é claro, visto que nunca adivinhariam; se tinham combinado a sua versão antecipadamente, ou se apenas fora inspiração do momento; se ela resistira, protestara, quando o marido lha propusera e depois fora obrigada por ele; se, em suma, ela não sentia asco ali sentada. A crueldade, a cobardia de atirar a sua vilania para cima da desgraçada mulher feria-o como uma monstruosidade — monstruosidade não inferior à leviandade que podia expô-los ao risco de ela, na sua justa indignação, lhes provar que mentiam. Esse risco, é claro, podia apenas ilibá-la de culpa e não incriminá-los a eles — as probabilidades protegiam-nos tão perfeitamente; e com o que contava o coronel — com o que teria contado no dia em que deu largas à sua loquela, quando ela apareceu no *atelier,* se tivesse então pensado um pouco no caso e não falado apenas pela pura espontaneidade do seu génio — era simplesmente que *Miss* Géraldine se devia ter para sempre sumido no desconhecido donde viera. Lyon, aborrecido, queria tanto pôr termo ao assunto que quando, daí a pouco, a esposa do coronel lhe perguntou:

— Mas não se pode fazer nada, o quadro não se pode aproveitar? Sabe que se fazem agora maravilhas nesse género...

Ele limitou-se a responder:

— Não sei, não quero saber, acabou-se tudo. *N'en parlons plusl*

Revoltava-o a hipocrisia de Everina. E, contudo, para lhe arrancar o último véu da vergonha, disparou-lhe logo a seguir:

— E gostava realmente do retrato?

Everina respondeu, fitando-o bem de frente, sem um rubor, sem um empalidecimento, sem uma evasiva:

— Oh, *cher grand maître,* adorava-o!

Não havia dúvida, seu marido educara-a bem. Lyon nada mais disse, e os seus dois companheiros houveram por bem não insistir mais, como pessoas de tato e simpatia que bem percebiam quanto o odioso acidente magoara o artista.

Quando se levantaram da mesa, o coronel saiu sem ir lá acima; mas Lyon voltou com Everina à sala de visitas, observando-lhe, porém, pelo caminho que só se poderia demorar um momento. Ficou com ela um poucochinho mais que um momento, ambos de pé diante do fogão. Ela não se sentou nem o convidou a sentar-se; os seus modos denunciavam algum propósito de se retirar. Sim, o marido educara-a bem; todavia, Lyon sonhou por um momento que, agora, que se encontravam a sós, talvez ela sucumbisse, se retratasse, se desculpasse, lhe fizesse confidências, lhe dissesse: «Meu querido e velho amigo, perdoe-me esta hedionda comédia... Compreende!»

E então como ele a adoraria, como ele a lastimaria, como por ela velaria, como a ajudaria sempre! Se não estava disposta a fazer alguma coisa desse género, por que o tratava assim como a um velho e querido amigo? Por que o deixou durante meses supor certas coisas... ou quase? Por que viera ao seu *atelier* dia após dia fazer-lhe companhia a pretexto do retrato da filha, como se gostara de pensar no que poderia ter sucedido? Por que se abeirara tanto de uma tácita confissão, se não queria ir nem uma polegada mais adiante? E não queria, não queria; via-se bem naqueles momentos

que ali se demorava ao pé dele. Ela deu uma volta pela sala, ajeitando dois ou três objetos pousados nas mesas, mas nada mais fez. De repente, perguntou-lhe ele:

— Quando saíram, por onde ia ela?

— Ela... a mulher que nós vimos?

— Sim, a estranha amiga de seu marido. É uma pista que vale a pena seguir.

Lyon não queria amedrontá-la nem abalá-la; queria apenas comunicar-lhe o impulso que a obrigaria a clamar: «Ah, poupe-me... e poupe-o! Não vimos lá mulher nenhuma!»

Em vez disto, Everina respondeu:

— Ia para o outro lado... atravessou a estrada. Nós dirigíamo-nos para a estação.

— Ela deu mostras de reconhecer o coronel... olhou em roda?

— Olhou, sim; olhou em roda, mas não fiz grande caso. Passou nessa altura um carro e nós metemo-nos nele. Só então é que o Clemente me disse quem era: lembro-me de ele me ter dito que ela não andava ali a fazer coisa boa. Acho que devíamos ter voltado para trás.

— Sim; teriam salvado o quadro.

Ela guardou silêncio; passado um momento sorriu.

— Por si, *cher maître,* sinto imenso. Mas deve lembrar-se de que possuo o original!

A isto ele voltou-se para se ir embora.

— Bem, tenho de me retirar — disse, e saiu sem outra despedida.

Ao seguir sozinho pela rua, voltou-lhe a sensação de quando pela primeira vez a viu na *Stayes* — de quando a viu com os olhos

fitos no marido, sentado do outro lado da mesa. Parou na esquina, olhando vagamente para um lado e para outro. Nunca mais ali voltaria — não podia. Nunca sondaria o abismo daquela mulher. Acreditava na sua absoluta direitura, enquanto apenas se tratava de si e daquilo que só a si dizia respeito; mas amava ainda o homem seu eleito, e, visto não poder redimi-lo, adotava-o e protegia-o. Assim a educara ele.